

JOSÉ MARIA ALVES

**O ETERNO AGORA E A
REVELAÇÃO DA CONSCIÊNCIA**

<http://www.homeoesp.org/>

<http://www.josemariaalves.blogspot.pt/>

NOTA INTRODUTÓRIA

Em princípios do ano de 2006 publicámos o *Eterno Agora e a Revelação da Consciência*.

Neste sítio, ainda que algumas dificuldades de edição (das quais desde já nos penitenciamos), iremos plasmar o seu conteúdo, não obstante tenhamos um contrato com o editor que foi violado de forma grosseira, nomeadamente não pagando um cêntimo dos direitos – *deste e de outros 3 nossos livros* – que iriam reverter para os Homeopatas Sem Fronteiras-Portugal. Enfim, o espelho do nosso país e deste mundo...

Não iremos proceder a alterações ou correcções, editando-o tal como foi editado.

(Este livro surge na sequência do *Despertar da Espiritualidade – Meditar sem Mestre*, também editado neste site)

Às Serras, ao Mar,
Às Estrelas, aos Ventos,
Ao Sol e ao Luar.

Ao Amor Doce e Forte
Como a Morte.

“Hoje de manhã saí muito cedo,
Por ter acordado ainda mais cedo
E não ter nada que quisesse fazer...

Não sabia que caminho tomar
Mas o vento soprava forte, varria para um lado,
E segui o caminho para onde o vento me soprava nas costas.

Assim tem sido sempre a minha vida, e
Assim quero que possa ser sempre –
Vou onde o vento me leva e não me
Sinto pensar.”

Os textos que se seguem são fundamentalmente o resultado de “vivências” anotadas no período de cerca de um ano, parcialmente de modo aforístico, em 33 fichas temáticas, individualizáveis, que ordenei da seguinte forma:

Mundo; Cosmos e sua gênese; Trabalho; Consciência; Inteligência; Realidade; Fantasia; Condicionamento; Liberdade; Relações; Conflito Psicológico; Ambição; Insegurança e Impermanência; Sentido da Vida; Pensamento; Autoconhecimento; Estados Negativos; Desejo; Apego; Tempo; Medo; Padecimento Psicológico; Felicidade e Beatitude; Sentidos e Sensações Corporais; Observação; Atenção; Meditação; Paixão; Beleza; Amor; Morte; Criação; Religião e Deus.

Não são pacíficos nem pretendem sê-lo. Talvez se constituam como uma provocação, da qual não aguardamos assentimento, aplauso ou enriquecimento; não são “palavras” comerciais, cómodas, da moda, usuais.

Estimulam a diferença, a **revolução individual**, a aniquilação da trapaça ou fingimento de qualidades, sentimentos e princípios que não possuímos; exaltam a boa-fé, a sinceridade, a coragem.

Conta-se que quando Kruchev denunciou publicamente a era negra de Estaline, terá havido alguém na sala que lhe perguntou onde estava no momento em que tantos inocentes estavam a ser massacrados e impunemente vilipendiados. Kruchev, rodeou a sala com o olhar e pediu que se levantasse o congressista que formulara a pergunta. Fez-se silêncio, apenas silêncio e tensão. Ninguém se levantou, e Kruchev respondeu: - Eu estava precisamente na mesma situação em que o senhor se encontra agora.

Nem Estaline, nem Kruchev, nem o congressista: sejamos nós em verdade e intrepidez, sem a estúpida carência de fazer parte da multidão, do temeroso rebanho social.

Um Sufi, de nome Bayazid, afirmou que durante a sua adolescência pedira insistentemente a Deus nas suas orações, que lhe desse a força necessária para transformar o mundo. Os anos foram passando, e homem feito apercebeu-se da inexistência de qualquer mudança, em qualquer indivíduo. Mudou a oração, pedindo ao Senhor que lhe concedesse a graça de modificar os que o rodeavam, familiares, amigos, e quem sabe, alguns conhecidos. Já velho, com a morte à espreita, sem que o seu esforço tivesse produzido frutos relevantes, alterou uma vez mais a oração: pediu a graça da transformação pessoal.

Se o tivesse feito desde o início, não teria desperdiçado a maior parte da sua vida, como desperdiçou.

O primeiro tema introduz-nos na trágica realidade do quotidiano, enquanto que o segundo tem a finalidade de demonstrar a ineficácia da teologia, da filosofia e da ciência. Na pouca consideração em que temos o filósofo Aristóteles, não podemos entre outras, abdicar de concordar com a sua asserção de que “ou se deve filosofar ou não deve: mas para determinar não filosofar é ainda e sempre necessário filosofar; assim, em qualquer caso é indispensável filosofar”. No entanto, verificada que esteja a inoperância da filosofia, estultícia será insistir numa actividade que em nada beneficie ou benefite o nosso crescimento e não nos proporcione maior sagesa, deixando-nos antes votados à dúvida insolúvel e conseqüente angústia existencial.

Alguns dos restantes, apesar de sintetizados, cobrem em essência e na prática, a maioria das questões que nos assoberbam o espírito e envenenam a existência, por força de absurdas, sinistras e calamitosas opções de vida. Há ainda que referir todos os que de modo directo ou indirecto se prendem com o autoconhecimento e com a meditação.

O último, dedicado à religião e a Deus, trata entre outros, ainda que de forma sumária, o aparecimento que aquilatamos accidental, da Nova Aliança ou Cristianismo, em virtude de Jesus não ter eventualmente morrido na cruz.

Os temas estão estreitamente interligados havendo nalguns casos uma inevitável repetição parcial de conteúdo.

Não estão concluídos, nunca poderiam estar, mas no essencial reproduzem com seriedade as experiências que vivi intensamente nos últimos tempos.

Alguns anos antes – *cerca de doze* –, coligi um conjunto de exercícios meditacionais para uso pessoal, de cariz clássico, que já deixavam nalguns pontos particulares antever uma mudança de rumo consubstanciada nestes escritos, e que foram recentemente publicados – “O

Despertar Da Espiritualidade, (Meditar Sem Mestre), SeteCaminhos". Aí, escrevi a final sob a epígrafe "Consciência constante":

A consciência constante é atenção, é a pura percepção do agora, que é a única coisa que realmente possuímos. É estar atento em cada instante; atenção que engloba as próprias distrações.

A atenção é uma realidade mais ampla que a concentração. Esta incide sobre um objecto, um pensamento, enquanto aquela incide sobre tudo que em determinado momento nos envolve e ainda sobre a actividade da nossa mente.

A atenção global é uma forma de meditação – *porventura a única que não nos divorcia integral ou parcialmente da realidade* –, desde que a consciência do que vemos, escutamos, sentimos, cheiramos e saboreamos não esteja contaminado por impressões, sensações e pensamentos guardados em memória.

Olho para o pinheiro do meu jardim. Limito-me a pensar: é o meu pinheiro. E já não o vejo, como aliás talvez nunca tenha visto.

Vejo a fraca lembrança que dele tenho. Contento-me com o rótulo.

No entanto, é sempre novo, a cada dia e instante. Em todo o planeta inexistem duas árvores semelhantes, mesmo que da mesma espécie. O facto de estarem vivas, num enérgico turbilhão de partículas atómicas, faz com que sejam totalmente diferentes. São os nossos olhos e depois o nosso cérebro, que definindo-as, matam o espírito, que de sublime se transforma em algo de mesquinho e estreito.

Uma mente renovada vê o pinheiro todos os dias como se fosse a primeira vez.

Por isso, por saber morrer para o passado, está viva e não morreu antes de ter morrido, já que morta está a que vive de rótulos, recordações ou memórias.

A consciência constante é o corolário de alguns dos exercícios já enunciados.

Em rigor não pode ser considerada como um exercício, mesmo que completo, antes um estado de espírito de natureza permanente.

É a tomada de consciência do que vemos, escutamos, sentimos, cheiramos e saboreamos.

Vamos estar conscientes do que se passa em nós e à nossa volta.

Ver o teatro da vida como verdadeiros espectadores. Assistir ao jogo que é a existência, na qualidade de testemunhas.

Estar atentos em cada instante sem nos evadirmos da realidade que nos dá tudo aquilo de que necessitamos, sendo certo que o intelecto é o seu grande assassino.

Vamos tornar-nos vigilantes, recebendo atentamente tudo o que a vida nos traz: a alegria e a dor, a fortuna e a miséria, o amor e ódio, o desespero e a paz.

Com um olhar neutro – *o da testemunha que vivencia o que no seu interior se manifesta e ainda o que a envolve* – e a mente fresca, ver as coisas que agora passam a ter uma nova significância: um olhar, um gesto, um aperto de mão, a mímica donde intuímos sentimentos, as verdades ocultas.

Estamos conscientes do céu azul, das nuvens, daquela árvore que contorcida se ergue, do rochedo que parece fender-se, do musgo, das flores silvestres da orla do bosque, da montanha e dos vales verdes, do rio, do regato, do cachorro ou gatito que brinca na soleira da porta, desse magnífico pôr-do-sol.

Somos conscientes de nós próprios, da cólera, dos desejos e medos, de todos os nossos actos por mais insignificantes que pareçam, dos sentimentos, dos estados de alma, do cheiro e do sabor das coisas, até da respiração, perscrutando em profundidade o nosso interior.

Conscientes dos homens, das suas palavras e obras.

Experimente por si.

Esta atenção acabará por o conduzir ao silêncio, à sabedoria, à paz e à Beleza.

Após período de estudo de alguns místicos orientais e ocidentais, germe directo dos exercícios mencionados supra, entrei em contacto com os ensinamentos de Krishnamurti – *cujos ensinamentos perfilhamos integralmente; na Editora Cultrix, S. Paulo, podemos encontrar inúmeros livros estruturados em palestras suas*. Refira-se ainda o heterónimo de Fernando Pessoa, Alberto Caeiro, de quem são os poemas e versos citados no texto, sem designação de proveniência – *os poemas completos de Alberto Caeiro estão publicados em várias editoras, nomeadamente a Clássica e Europa-América*.

Cedo apreendi que a meditação não pode estar divorciada ou apartada da vida e que esta tem de ser abundantemente sentida e experimentada. Que a repressão, o esforço e a ambição, negando o que é, não permitem atingir finalidades ou verdades, que em essência são ilusórias.

Resumi todo o conteúdo destes escritos de forma sintética, tão sintética, que se arrisca a ser ininteligível, pelo menos em primeira leitura. Assim, a meditação, “senda” para a realidade consiste em:

Observar o pensamento e o seu movimento, numa vigilância passiva, e tudo o que nos rodeia, sem comparar ou interpretar, em atitude de constante aperfeiçoamento dos sentidos.

“Ser”, sem nada buscar, intensamente, com paixão.

Esta observação fará cessar o pensamento em todos os momentos em que se torna absolutamente desnecessário, e em consequência o atormentador padecimento psicológico daí resultante.

“Pensar incomoda como andar à chuva
Quando o vento cresce e parece que chove mais.”

“Sou um guardador de rebanhos.
O rebanho é os meus pensamentos
E os meus pensamentos são todos sensações.
Penso com os olhos e com os ouvidos
E com as mãos e os pés
E com o nariz e a boca.

Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la
E comer um fruto é saber-lhe o sentido.

Por isso quando num dia de calor
Me sinto triste de gozá-lo tanto,
E me deito ao comprido na erva,
E fecho os olhos quentes,
Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,
Sei a verdade e sou feliz.”

&&&

“Eu nunca guardei rebanhos,
Mas é como se os guardasse.
Minha alma é como um pastor,
Conhece o vento e o sol
E anda pela mão das Estações
A seguir e a olhar.”

Começou o Inverno que já principiara antes. O tempo raramente se afirma no momento certo, no nosso ensejo certo, tal como o ser humano sua réplica. As chuvas não nos abandonam há dois meses, bem como os esporádicos ventos fortes das terras altas. Caem nevões no maciço central envergonhando a terra chã. As almas húmidas e geladas dos pastores bendizem o alimento dos pastos que copiosamente engrossa o leito de rios e ribeiras. A montanha está quase sempre envolta numa mantilha de névoa. Alta vai a Serra para que as nuvens venham descansar nos seus cumes acariciando e afagando as rudes escarpas graníticas. E as árvores já vergadas e alquebradas por intempéries passadas ameaçam desabar, sucumbindo pela raiz num solo alagado e movediço. Morrerão de pé ou deitadas, dissolvendo-se na terra que as amamentou ou esfumar-se-ão no canto quente das casas, reduzidas a cinzas que disseminaremos nos hortos e jardins.

Não obstante o rigor e severidade da invernia, tudo palpita de vida, de energia vital: as pedras, as árvores e arbustos, os rios e ribeiros pulsantes, a Serra cujos píncaros tocam os céus na abençoada paz e beatitude da silente solidão da natureza sem gente.

Este é um mundo de rótulos, inscrições, denominações, de clubes, associações, grémios, de religiões, crenças, fé, doutrinas e devoções, de facções políticas, partidos e seitas. Cristãos, muçulmanos, budistas, hindus, democratas, comunistas, portugueses, chineses. Necessitamos de companhia física e nas ideias, de beneplácito e assentimento. Tememos

ficar sós e quando acompanhados assassinamos com a crueldade e impiedade que só aos humanos é reconhecida, em nome de deus, da religião, do estúpido nacionalismo, da revolução e de todos os partidarismos.

Sem rótulos ou etiquetas definidoras estaremos a um passo da liberdade, que só os rios, as árvores e as aves conhecem, desopressão onde a violência é totalmente desconhecida.

Os aspectos formais e cerimoniais da existência arrastam-nos para a desventura e ignorância. Não é a magnificência do culto, a circunspecção dos membros do tribunal ou a farda majestosa do general, que geram santos homens, justiça digna ou vantagem na batalha.

Circundamo-nos de auréolas de soberania e excelência para que as nossas fraquezas e fragilidades possam passar despercebidas. Concebemos preceitos injuntivos que nos protegem dos atropelos e agressões imorais que cometemos, que legitimam ou validam actividades escandalosas e indignam os que se envergonham de tanta libertinagem impunemente estabelecida e aceite. Bendizemos com uma mão, em nome de um deus dos homens, para com a outra exigir o pagamento de sacrifícios espirituais e materiais purificadores. Julgamos os pobres com o desdém de uma falsa igualdade e os ricos com compreensão e aceitação da sua adversidade e má-sorte. Tanta embustice nos adereços e adornos, no espanto e esplendor da ostentação, que apenas serve o intuito lastimável de esconder a mesquinhez e hipocrisia de quem quer aparecer aos olhos do mundo como decente e honesto e é fundamentalmente grosseiro e vicioso, corrupto, imoral e manhoso.

As oferendas são na sua maioria realizadas para compensar algo que é profícuo e agradável ao doador. Uma dádiva é similar ao isco com que o pescador pretende ludibriar o peixe.

Não damos ponto sem nó. As nossas ofertas só muito extraordinariamente são espontâneas, indiferentes ou desinteressadas. Dá-se para colher, no imediato ou num porvir hipotético, mas previsível. Pagam-se favores, benefícios ilícitos e gentilezas. Percebem-se donativos de corruptela e mimos ilegítimos. Engrandecem e cevam os políticos e poderosos, tais suínos em período de invernada, enquanto os desventurados, lerdos, famintos e ignorantes, os vão untando e nutrindo, porque é de muito mais valia o salteador que reparte uma infíma quota do seu quinhão, do que aquele, que nada partilha, como se uma mão conspurcada fique lavada pela partição do furto socialmente consentido.

O progresso, as múltiplas invenções tecnológicas do século, a vida no maior dos palácios com todas as necessidades e anseios materiais

saciados não conduzem à paz. A inquietude espiritual e a angústia existencial podem ser idênticas na abundância e na penúria.

O tempo contemporâneo está eivado de ansiedade, desassossego, e depressão. As doenças do foro mental dominam a sociedade. Quando penetramos na vivência dos homens, na sua “verdade” acerca do mundo, percebemos imediatamente o imenso padecimento psicológico em que se estrutura a vida. Ansiosos, fóbicos, deprimidos e melancólicos, angustiados, por via de factores genéticos, sócio-culturais, traumáticos, nutricionais, infecciosos, degenerativos ou meramente psicológicos. É esta a dura realidade de uma comunidade que enlouquece e permite e promove o ensandecer dos seus filhos.

Não é a riqueza que deve ser condenada, mas a opulência, a ganância e a avaréza. Não é o poder que destrói, mas os seus abusos, tais como o proveito próprio, a corrupção e o compadrio. É tão reprovável a atitude do que se vende por dinheiro, como do que se vende por prestígio, amizade, amor ou até por compaixão.

Não são os bens materiais ou as riquezas que cerceiam o nosso crescimento, mas o “*ego*”.

Tantas estrelas no céu profundo, tantas montanhas recortadas pela luminosidade resplandecente da aurora, águas cintilantes, vales verdes ondulantes, e tanta baixeza, pequenez, farsa, impostura e falsidade.

Há uma alienação generalizada. Falamos de paz, caridade, humildade e multiplicamos as guerras, a ambição, o desejo de poder e a necessidade de prestígio. Dizemo-nos solidários e vamos aperfeiçoando o armamento enquanto milhões morrem por carência dos bens mais elementares. Dizemo-nos desapegados e reacendemos a luta pelos bens materiais minuto a minuto.

Os políticos com as suas gravatas brilhantes, bolsos repletos de influências e patrimónios usurpados, prometem uma sociedade mais justa sem fome e miséria. As suas coniventes damas envergando roupagens de valor avultado, com exuberantes colares e pulseiras angariam fundos para os desfavorecidos. Tantas lágrimas vertidas, tantas palavras derramadas e gestos pseudocaridosos ensaiados em benefício da autocompaixão.

Todos criticam a guerra que mata e estrofia inocentes, mas poucos se inclinam para beijar a face das crianças, dos homens e mulheres que nos campos de refugiados aguardam lentamente a morte em segredo para não doer, excepçionando-se obviamente os períodos de propaganda eleitoral.

O animal é agressivo quando procura ocupar o espaço possível circundante. O homem agride porque sofre, pretendendo destruir essa dor

pelo furor que alija no meio envolvente. Mas com tal atitude apenas gera mais dor.

O tormento que infligimos aos outros retorna como o eco da voz lançada contra uma parede rochosa no vale, e o que deixamos germinar e crescer em nós mesmos multiplica-se em crescendo geométrico.

O Estado, os poderosos, os políticos, os dirigentes, procuram sempre justificar-se. Justificam-se aos outros e a si próprios. Com a tradição, o direito natural, a divina providência, a vontade popular. Justificam, legitimam e validam a ilicitude e imoralidade dos seus actos.

A autoridade nunca é inocente.

Não é só o Estado que é um “monstro frio”. A sociedade humana também o é, destruindo-se a si mesma e à natureza que diz preservar. “As florestas precedem os homens, os desertos seguem-se-lhe”.

A filosofia, instada pelo poder político, submeteu-se-lhe aqui e além no curso da história, validando a sua acção, inexistindo finalidades que justifiquem seja o que for.

As justificações protegem os poderosos e aniquilam os indefesos e desvalidos.

A corrupção, o compadrio e o aproveitamento próprio são as regras desta sociedade falida que se apregoa moralista e justa, mas é imoral, degradada e injusta. Aplaudem-se pedófilos na praça pública, exaltam-se corruptos e assassinos, a quem se prestam homenagens vigorosas. É de todo normal, louvável e em última instância, justificável, que chefes de estado de países ditos democráticos e desenvolvidos, recebam com pompa e circunstância, outros altos dirigentes, verdadeiros homicidas e ladrões enriquecidos à custa da miséria, da fome e ausência de todos os cuidados primários das populações que governam, usufruindo ainda frequentemente dos dividendos por eles ilegítimamente obtidos, em festas, comemorações e recepções repugnantes. E ninguém tem a coragem de os tratar pelo seu verdadeiro nome: criminosos da humanidade.

Há fome, miséria, angústia, morte provocada e todos os inúmeros problemas existenciais que assolam a humanidade.

A justiça é uma ficção, tal como a igualdade dos cidadãos perante a lei. As Constituições políticas dos estados afirmam-no, a realidade nega-o.

A sociedade actual estrutura-se no prazer, na ambição, na inveja. Buscamos o prazer com o acumular de bens materiais, com a repetição de experiências agradáveis, com o poder.

Aspirar à repetição de vivências aprazíveis e voluptuosas é fazer germinar o sofrimento psicológico.

Exigimos constantemente novas experiências, novos prazeres ou a repetição dos passados. Estamos insatisfeitos com a vida que levamos e queremos sempre melhorá-la qualitativa e quantitativamente, ao que alimentamos e desenvolvemos um grande número de anseios. E nessa procura desenfreada de gozo, nesse estar no futuro com expectativas de melhoria, passamos ao seu lado.

A família e o trabalho são castelos que nos encarceram e esgotam a nossa vitalidade. O apego à família com as autolimitações para manter o seu equilíbrio sempre precário e a carreira profissional cerceiam a liberdade.

O relacionamento familiar é em regra de uma opacidade brutal. A transparência é de todo excepcional. Marido e mulher convivem numa duplicidade constante, ludibriando-se mutuamente. Simulam amor onde vigora o hábito. Fingem fidelidade onde impera o adultério físico e mental. Desdobram-se em palavras gentis que se estruturam no ciúme, no ódio e na falsidade. São o que efectivamente não são, e deixam de ser o que são por mera conveniência das aparências sociais, escravizando-se a um modo de ser vil e repulsivo.

No trabalho, os indivíduos atropelam-se, iludem-se, esmagam-se, enganam-se. Desenvolvem a secular arte da intriga, da delação, do favorecimento pessoal. Lutam sequiosamente por uma posição favorável espezinhando mesquinha e indiscriminadamente todos os obstáculos. São aquilo em que se transformam: entes desprezíveis escravos da sua ambição.

As agressões do meio familiar e social desencadeiam excitações emocionais que têm de ser imediatamente descarregadas sob pena de provocarem perturbações duradouras. Não podemos viver em paz, se os nossos corações estão infectados por insultos e ofensas.

A adaptação ao meio, com as suas exigências e normas, nomeadamente por intermédio do hábito, não é harmonia, é submissão, é acomodação à estrutura social, que implica contradição interna e dispêndio de energia.

Os nossos hábitos não nos conduzem à almejada alforria espiritual. Tornam-nos escravos sem a menor capacidade autonómica. Beber, tomar drogas, fumar, buscar entretenimento com o fim de esquecer os nossos antagonismos e conflagrações interiores, encaminha-nos no sentido de uma existência aparente, leviana, insípida e fastidiosa.

O hábito, seja ele qual for, destrói a liberdade. O hábito de pensar por tudo e por nada, desvirtua o facto, aquilo que é, esgota e dilacera o cérebro que emprenhado por material obsoleto, dissipa e malbarata o acesso à

realidade. Fundamental é expurgar o cérebro da sua rotina, habitude e costumes, libertá-lo da sua mortalha evitando o seu decesso prematuro.

A sociedade transformar-se-á no que é essencial quando cada um de nós se transformar.

É um erro pensar que o legislador, o político, o religioso, têm capacidade para melhorar a consciência dos seres humanos, fazendo cessar a dor psicológica. Caminhamos na direcção do horizonte. A cada aproximação, nova distância. Só existe a vereda sinuosa, nunca a consumação da chegada.

Cada um tem o seu próprio caminho sem mapa, um trilho desconhecido cujos rastros desaparecem imediatamente.

Estamos sós nessa caminhada para algures ou lado nenhum.

&&&

Desde tempos imemoriais que o ser humano se questiona quanto à origem do universo, quanto à sua própria origem e destino. Mitologia, filosofia, teologia e posteriormente a ciência, procuraram minimizar a inquietação que decorre de questões aparentemente insolúveis. No entanto, em perfeita sobrançeria, comportamo-nos hoje, como senhores do Cosmos, quando em cerca de 2500 anos não desvendámos os mistérios mais apetecidos, nem nos aproximámos por um único momento da Verdade. Basta-nos um ligeiro olhar sobre a história do pensamento filosófico – *veja-se muito especialmente, a História da Filosofia em 12 volumes, de Nicola Abbagnano, Editorial Presença, e ainda a História da Filosofia Ocidental, de Bertrand Russell, Livros Horizonte* – e da ciência para que fiquemos de imediato reduzidos ao que efectivamente somos: seres congestionados de conhecimentos falíveis e isentos de sabedoria.

Hesíodo – *autor de uma “Teogonia”, o mais antigo documento conhecido da cosmologia mítica grega* – afirmou que “primeiro que tudo foi o caos”.

Para Ferecides de Siro (nascido cerca de 600 a.C.), sempre existiram Zeus – *o Céu* –, Ctonos – *a Terra* – e Cronos – *o Tempo*. Zeus, transfigurado em Eros, cria o mundo.

Tales, homem de ciência, nascido por volta de 624 a.C., afirma que a substância originária ou primordial é a água.

Anaximandro (610 a.C. - a partir daqui, sempre que nada se diga, entende-se que a data se reporta ao nascimento) definiu como princípio o infinito, conjunto incomensurável e indistinto de matéria, de natureza divina, origem e retorno de todos os entes e objectos. Esta substância primeira ganharia configurações específicas pelo processo da partição, gerando-se assim inúmeros mundos finitos, em ininterrupta evolução e em encadeação eterna, mundos estes, infinitos no espaço. A Terra é um cilindro imóvel, que se encontra no meio do mundo. Anaximandro, tal como os outros filósofos gregos era extraordinariamente audaz nas suas reflexões.

Anaxímenes (546 a.C.) considera ser o ar, com a sua infinitude e movimento ininterrupto, o princípio de tudo, que circunda a Terra – *em forma de disco* –, fonte geradora do mundo nas suas destruições e regenerações periódicas.

Heraclito reconhece no fogo a substância originária, princípio activo e inteligente, mais do que corpóreo. Este mundo, continuamente em mutação, que não foi gerado por deuses, acende-se e extingue-se com ordem regular. Esta mudança é por si expressa de forma magistral: “Não é possível descer duas vezes no mesmo rio nem tocar duas vezes numa substância mortal no mesmo estado; pela velocidade do movimento tudo se dissipa e se recompõe de novo, tudo vai e vem”.

Pitágoras (nascido por volta de 571 a.C.) e os pitagóricos consideraram a existência de um fogo central, que intitularam “Mãe dos Deuses”, origem de todos os corpos celestes do mundo, que é uma esfera. O céu das estrelas fixas a esferas transparentes, que se move de Ocidente para Oriente é o que se encontra mais longe do fogo central, e cada vez mais próximo deste, os planetas visíveis a olho nu – *Mercúrio, Vénus, Marte, Júpiter e Saturno* –, o Sol – *receptor e reflector da luz emitida pela “Mãe dos Deuses”* –, a Lua, a Terra e a Antiterra – *planeta inexistente, mas ficcionado para completar o número dez, sagrado para os pitagóricos*.

Para Xenófanés, o universo é unitário e imutável e todas as coisas têm a sua origem na terra e a esta voltam.

Em Parménides, a perpetuidade é a negação do tempo, mas o “ser” é finito. Contrariamente à tese de Heraclito, diz-nos que “o ser é e não pode não ser”.

Empédocles (492 a.C.) distingue quatro elementos : fogo, água, terra e ar. Na sua perspectiva existe um ciclo cósmico de união e desintegração.

Em Anaxágoras (499 a.C.) surge-nos um Deus inteligente que não é o mundo, mas é a sua razão evidente.

Para os atomistas, Leucipo e Demócrito – *chegou a duvidar-se da existência do primeiro* –, os átomos, indecomponíveis, eternos, em

constante movimentação, dão origem ao nascer das coisas pela união e ao perecer, pela desagregação.

Platão afirma que a causa do mundo é um Deus que quer tão-somente difundir o bem. O mundo tem de ter sido criado por algo sagrado e não como consequência de causas físicas, que não podem nunca ser consideradas como o primeiro movimento.

Heraclides do Ponto, discípulo de Platão, modificou a doutrina atomista dizendo que Deus edificou o mundo com corpúsculos não coligados. Admitiu o movimento de rotação da Terra e preconizou o movimento de translação de Mercúrio e Vénus à volta do Sol.

Filipe de Opunte, também discípulo de Platão, admite que os corpos celestes são entidades vivas, com alma, conclusão que retira da perfeição do seu movimento.

Aristóteles (384 a.C.). Deus é o motor, o princípio que explica o movimento do primeiro céu. As coisas terrestres ou sublunares são compostas por terra, água, ar e fogo. Imediatamente a seguir ao fogo está a primeira esfera celeste, a da Lua – *a partir daqui todos os corpos celestes são compostos por éter, que se move exclusivamente de forma circular*. A partir da Lua, como os corpos celestes são constituídos pelo éter – *substância que se assemelha à de Deus* –, temos um mundo único, finito, perfeito e eterno, que só tem por limite a esfera das estrelas fixas – *antes desta, estão as de Mercúrio, Vénus, Sol, Marte, Júpiter e Saturno*. A partir da esfera das estrelas fixas, que demora um dia a circundar o nosso planeta, não há mais espaço. Esta teoria, persistiu até ao século XV, só tendo sido abandonada a muito custo, essencialmente por obra de Nicolau de Cusa.

Aristarco de Samos (310 a.C.). Tudo leva a crer que foi o primeiro pensador a considerar a existência simultânea do movimento de rotação e de translação da Terra, este último à volta do Sol. Heraclides do Ponto já havia admitido o movimento de rotação da Terra e o de translação, mas neste caso, de Mercúrio e de Vénus à volta do Sol.

Para os Estóicos (O fundador da escola foi Zenão de Citium – 336 a.C.), Deus é a causa de tudo. O mundo gerou-se pela diferenciação da matéria originária, tem a forma de esfera, sendo finito, com um ciclo de repetição perfeito, onde perante a sua destruição integral, voltam a ocorrer todos os acontecimentos, com os mesmos objectos e seres que tinham ocorrido no tempo do mundo “passado”.

Epicurismo (o fundador da escola foi Epicuro - 341 a.C.). Os epicuristas rejeitam a divindade do mundo. Os mundos formam-se devido ao movimento dos átomos – *Epicuro apropriou-se da doutrina dos atomistas* – e não são eternos, estão sujeitos ao nascimento e à extinção.

Fílon de Alexandria (30 a.C.). Deus começou por criar a matéria indeterminada, caótica, para depois criar o Logos – *mediador na criação do*

mundo – à sua semelhança, e com a sua cooperação criou o mundo, transmutando a matéria caótica em ordem.

Cláudio Ptolomeu (séc. II d.C.), foi um astrónomo egípcio que nos legou uma obra monumental nos domínios da astronomia, geografia, navegação e matemática. No que toca à astronomia, escreveu em treze volumes o “Almagesto”. Segundo ele, a Terra está imóvel no centro do mundo, girando à sua volta a Lua, Mercúrio, Vénus, Sol, Marte, Júpiter e Saturno. Depois, vem a esfera das estrelas fixas. Observando o céu, notou a variação de brilho dos planetas, e tendo chegado à conclusão que tal facto derivava da variação da sua distância ao nosso planeta, postulou que se moviam sobre uma circunferência menor – *denominada epiciclo* – cujo centro se movia numa circunferência maior – *o deferente*. Este sistema, legitimador da doutrina aristotélica, vigorou por mais de mil anos.

Plotino, neoplatónico (cerca de 203 d.C.), considera que Deus permanece imóvel no centro da criação, sem qualquer acto voluntário ou intenção causal.

O Cristianismo motivou no mundo ocidental uma nova forma de encarar o mundo, a filosofia cristã, que já não é pesquisa e liberdade, mas revelação, donde deriva na melhor das hipóteses, uma investigação dirigida à sua compreensão, que se encontra em regra, limitada pelas interpretações da Igreja, nos dogmas estabelecidos conciliarmente – *os Protestantes rejeitaram a Igreja como autoridade idónea ao estabelecimento dos princípios fundamentais e limites da revelação. Nesta perspectiva, cada homem, por si, pode interpretar os textos sagrados, por via da sua própria ponderação.*

O primeiro período é o dos Padres da Igreja – *que contribuíram apesar de muitas vezes contraditoriamente, atenta a influência da última filosofia do período helenístico e doutrinas pagãs, para a existência de uma filosofia cristã* –, denominado Patrística e que terminou no século VIII.

Justino (110 d.C.). Foi por intermédio do Logos – *que está hierarquicamente abaixo de Deus, mas é coexistente com ele e por isso gerado antes da criação* – que Deus criou o mundo.

Teófilo de Antioquia. Deus é o criador supremo. Foi tudo gerado do nada, por intermédio do Logos, com o objectivo da sua potestade ser reconhecida. Conseguimos reconhecê-lo na sua criação.

Irineu (cerca de 140), foi um dos filósofos que combateram a gnose – *um dos maiores perigos contra a unidade espiritual do cristianismo, por considerar que o conhecimento é a única condição de salvação do homem.* Na perspectiva de Irineu, os gnósticos erraram notoriamente quando

imputaram a criação do mundo a uma entidade subalternizada comparativamente a Deus, depreciando o seu poder, o que é de todo inconcebível. Deus não teve, nem tem carência de mediadores, para fazer seja o que for. Se assim fosse, estaríamos perante uma ineptidão que é contrária à sua essência.

Arnóbio teve uma concepção tão derrotista do ser humano que foi comparado a Pascal. Sendo Deus o autor da perfeição e da ordem do mundo, não poderia ter criado uma criatura vil, violenta, infeliz e miserável, mas antes, tal acto foi executado por uma outra divindade hierarquicamente inferior e com muito menos autoridade e majestade.

Lúcio Lactâncio foi discípulo de Arnóbio. Apesar do Filho ter sido gerado, constitui com o Pai uma única substância e agiu como aconselhador deste no intrincado desígnio da criação do mundo, sem que para tal tivesse necessidade de utilizar uma matéria pré-existente, antes, criando-a.

Orígenes (cerca de 185). É nele que encontramos o primeiro sistema exaustivamente elaborado de filosofia cristã. Admite uma pluralidade de mundos, que são sucessivos e que em determinado momento se extinguem na sua corporalidade, passando à invisibilidade.

Basílio o Grande (cerca de 311), considera que Deus, o criador, não pôs toda a sua competência na obra da criação, tal como um pintor pode não aplicar todos os seus conhecimentos técnicos e aptidão estéticas na execução de um quadro. Daí, não ser possível mensurar a sua verdadeira potência.

Gregório de Nisa, irmão de Basílio o Grande, atribui a Deus a criação do mundo. Resolve a dificuldade de uma essência simplicíssima e imutável, gerar uma realidade composta, mutável e corpórea, pelos atributos e natureza do corpo – *v.g. quantidade, qualidade, cor, que são em si mesmas incorpóreas.*

Santo Agostinho (354). Deus é o ser eterno, fundamento de tudo, criador de um mundo – *através do Logos ou seu Filho* – em constante mutação. Mas o que é que fazia Deus antes de criar os céus e a Terra? – *questiona-se Agostinho.* Deus para além de eterno criou o tempo. Na eternidade não existe passado ou futuro, mas apenas um eterno presente.

Zacarias (séc. VI) refuta as doutrinas que consideram o mundo eterno, já que este não é forçosamente necessário, apesar de ter sido criado por Deus, que tinha a sua ideia desde sempre, ideia que poderia ou não pôr em prática, em conformidade com a sua querença – *que neste caso o determinou pela afirmativa.*

João Damasceno (séc. VIII) – *com quem termina a Patrística da Igreja Grega* – declara que a criação advindo do nada, é mutável, por mudável ser a mudança do que não existe para a existência, implicando

infalivelmente um criador, que é eterno e ingerado, onnipotente e ordenador do mundo.

Findo o período relativo aos Padres da Igreja, inicia-se o da Escolástica – *filosofia cristã da Idade Média* –, vocacionada para a instrução do clero, que demanda especialmente conduzir o homem à percepção possível da verdade que foi revelada.

João Escoto Erígena (cerca de 800). Deus é o princípio de tudo, é tudo – “*é tudo no mundo, tudo em volta do mundo, tudo na criatura sensível, tudo na criatura inteligível; é tudo ao criar o universo, está em todo o universo, está nas suas várias partes, porque é o todo e a parte e não é nem o todo nem a parte*” (*panteísmo*) –, onde todos os entes e coisas se deslocam, revelando-se na criação, que é uma sua exteriorização. Mas, foi através do Verbo, que todas as coisas e seres foram gerados. O mundo foi criado, porque consta das Sagradas Escrituras e é imperecível, atenta a sua subsistência no Verbo e porque a razão o certifica. Conciliar criação e eternidade é algo que a nossa razão não pode alcançar, é um enigma divino.

Anselmo de Aosta (1033), na sua investigação, dá prioridade à fé sobre a racionalização: “... se antes não acreditar, não poderei compreender”. Mas, aquela tem de ser comprovada ou demonstrada, não basta crer pura e simplesmente. Todas as coisas procedem de Deus e a criação nasce do “nada”, porque se nascesse da matéria, esta derivaria de si própria – *o que é de todo ilógico* – ou da própria essência divina, que assim estaria votada à impermanência, o que não pode acontecer em circunstância alguma – *afirma-o peremptoriamente a razão lúcida*. Anselmo perfilhou a exigência agostiniana “desejo conhecer Deus e a alma e nada mais”, mas faleceu quando tentava por todos os meios ao seu dispor aclarar a natureza desta.

Abelardo (1079). No seu entender, Deus apenas pôde criar o mundo da forma como o criou, ou seja, esse mundo necessariamente crido, não poderia ser mais perfeito do que aquilo que é.

Amalrico (séc. XII). Deus é a essência de tudo, identificando-se com o mundo na sua integralidade; criador e criatura identificam-se.

Hugo de S. Victor (1096). Tudo o que nasce e morre, não pode ser espontâneo, tem como causa necessária um criador, que tinha em si mesmo as formas da sua criação e a sua acção criadora, partindo de uma matéria informe, caótica, criação essa, que decorre não de uma acção necessária, mas de pura manifestação da sua benevolência. O mesmo ocorre com o espírito humano ao reconhecer que teve um princípio, não podendo ser ele a sua própria causa geradora. Acredita que Deus poderia ter gerado um mundo mais perfeito, à sua imagem, que é perfeição absoluta, só não podendo aquele, realizar o impossível, porquanto não poder o irrealizável, não é claramente um não poder.

S. Boaventura (1221), franciscano, admite que Deus na sua onipotência é a causa primeira de todas as coisas e seres, do nada, e por tal motivo o mundo não é eterno – *não pode ser eterno o que antes não era e que passa a ser*.

Alberto Magno (1193), defende que a criação do mundo do nada, que não é eterno, por ser precedido por Deus, é um acto livre.

S. Tomás de Aquino (1225). A criação provém do nada e é obra de Deus, sendo um dogma que não é passível de demonstração. Como todos os outros artigos de fé, não é explicável ou compreensível pela razão.

Rogério Bacon (séc. XIII). É o filósofo que melhor representou no seu século o experimentalismo – *todas as coisas, sejam naturais ou divinas, devem ser investigadas com base na experiência, que se subdivide em interna ou externa, respectivamente derivada da iluminação concedida por Deus e percebida através dos sentidos*.

João Duns Escoto (1266) não tem certezas quanto ao início da criação. É um facto que a razão não alcança e como tal todo o juízo sobre o mesmo deve ser sustado.

Guilherme de Occam (cerca de 1290). É um dos últimos filósofos da Escolástica. Tal como Bacon, valoriza a experiência como fundamento do conhecimento. Pela primeira vez na história da filosofia ataca com firmeza o princípio aristotélico comumente aceite, de que os corpos celestes e os sublunares não tinham a mesma natureza. Considera que para além do nosso, podem existir inúmeros mundos, o que é atestado pela razão, já que Deus pode criar o que bem entender, no infinito e na eternidade – *no que toca a esta última, resolve a contradição resultante da criação, com o facto de ser indeterminável o princípio do universo no tempo*.

João Buridan (séc. XIV). Julgou inúteis as múltiplas inteligências motoras que Aristóteles concebeu para explicar o movimento dos astros, já que o seu primeiro movimento, originado por Deus, não é minimizado ou ferido, face à inexistência de forças contrárias ao mesmo.

Nicolau de Oresme (séc. XIV). É o grande precursor de Nicolau Copérnico. Argumentou um bom número de razões demonstrativas de que a Terra se move com movimento diurno e o céu não.

No século XIV, gerou-se um movimento de “renascimento” do espírito de liberdade, apanágio da época clássica, que se constituiu como o alicerce da investigação experimental, fundamentalmente com cientistas como Copérnico, Galileu e Kepler.

Em Montaigne (1533), encontramos por excelência, o regresso do homem a si próprio – *que é uma das facetas principais do movimento filosófico renascentista*. Tem absoluta consciência das limitações humanas, quando diz: “O que é que se pode imaginar de mais ridículo, que esta

criatura mesquinha e miserável, que não é sequer dona de si mesma e está exposta às ofensas provenientes de todas as coisas, que se afirma dona e senhora do universo, quando nem sequer tem a faculdade de conhecer a mínima parte deste, quanto mais de o dirigir?”. Vamos encontrar este pessimismo – *realismo?! – em Pascal.*

Nicolau de Cusa (1401) reconhece no homem a ignorância ou como lhe chama mais especificamente, “douta ignorância”. É indubitavelmente um dos precursores de Copérnico e Galileu. Na sequência das especulações de Occam, não admite a doutrina aristotélica da perfeição dos corpos celestes e da corruptibilidade dos sublunares. A Terra não é o centro do mundo e por isso é dotada de movimento, que é quase circular. É uma estrela “*sui generis*”, idêntica ao Sol, verificando-se nos outros astros a possibilidade de serem habitados por outros seres inteligentes, mas distintos de nós em espécie.

Nicolau Copérnico (1473). Até ao Renascimento, a doutrina da Igreja estribava-se nos ensinamentos de Aristóteles – *o mundo era uma esfera finita, com a Terra ao centro –*, colmatada pelos estudos de Cláudio Ptolomeu, que fez os possíveis e os impossíveis para descrever os movimentos dos astros através de órbitas rigorosamente circulares. Com Copérnico, cónego, médico e astrónomo, a já aguardada destruição da concepção aristotélica do mundo, aparece vertida na obra “*De Revolutionibus orbium celestium*”, dedicada ao Papa Paulo III e que surgiu com um prefácio de Osiander, que temeroso e por sua própria conta e risco, face aos seus escrúpulos quanto à matéria bíblica, a apresentou como mera hipótese astronómica. Dez anos antes da publicação desta obra, Copérnico fez circular entre os seus amigos, um resumo das suas teorias – *Comentariolus*. Demonstrou como todas as dificuldades apresentadas pela cosmologia aristotélica eram facilmente resolvidas pela aceitação do movimento da Terra em torno de si mesma – *contrariamente à doutrina que a referenciava como centro imóvel*. Reconheceu três movimentos: diurno em torno do próprio eixo, anual à volta do Sol, e o anual do eixo terrestre relativamente ao plano da elíptica.

Com Copérnico, cessa a astronomia antiga, que dá definitivamente lugar à moderna.

Tycho Brahe (1546), astrónomo dinamarquês, ainda sem os recursos do telescópio, num observatório construído na ilha de Hven, estudou a posição das estrelas e seguiu a trajectória de um cometa. Considerando que este se movia para além da Lua, deslocando-se entre os planetas – *que por via deste facto não poderiam estar fixos em esferas transparentes –*, numa trajectória oval – *e não circular –*, concluiu que a física aristotélica não tinha qualquer fundamento. No seu sistema, temos a Terra como centro do universo. Enquanto a Lua e o Sol giram à sua volta, os outros planetas giram à volta deste.

Johannes Kepler (1571) era um admirador de Copérnico. Foi assistente de Tycho Brahe, tendo-lhe sucedido no cargo de astrónomo imperial. E foi das observações do próprio Tycho, que retirou os elementos que lhe permitiram confirmar a doutrina copernicana – *por via da descoberta das três leis reguladoras do movimento dos planetas*. As duas primeiras leis de Kepler foram publicadas na “Astronomia nova” em 1609 e a terceira surge no escrito “Harmonices Mundi”, em 1619. A primeira, também denominada lei das órbitas, diz-nos que os planetas se movem em torno do Sol descrevendo órbitas que são elipses, com o Sol situado num dos focos; a segunda, que uma linha que se estenda do Sol a um planeta, orientada nesse sentido, varre áreas iguais em intervalos de tempo iguais e a terceira, que os quadrados dos períodos da revolução dos planetas em torno do Sol são directamente proporcionais aos cubos das suas distâncias médias a este.

Galileu Galilei (1564). Há quem diga, que em bom rigor a investigação científica começa com Galileu, que não se limita apenas a observar. Observa e experimenta. Defende as teses de Copérnico. Fez várias descobertas na mecânica – *estudando o pêndulo, o plano inclinado, a queda dos corpos, os movimentos acelerados, tendo demonstrado a falsidade da premissa aristotélica, segundo a qual os corpos caem com velocidade proporcional ao seu peso* – e descobriu as leis da balística. Com uma luneta – *que terá sido verdadeiramente inventada por um holandês, Hans Lippershey, não obstante possa ter sido aprimorada por Galileu* –, que apresentou em Veneza no ano de 1609, descobre os satélites de Júpiter, as fases de Vénus – *observando as fases de Vénus, deduz que este planeta tem um movimento de translação à volta do Sol* –, as manchas solares – *demonstrando que o Sol tem movimento de rotação* –, as montanhas da Lua – *cuja altura calcula por via das suas sombras* –, e apercebe-se que a esfera celeste tem muito mais estrelas do que as visíveis a olho nu – *dando-se assim conta de que a Via Láctea é um conjunto de estrelas e não “a estrada pela qual as almas subiam ao céu”*. Condensou todas as suas descobertas num pequeno livro de apenas 28 páginas, o “Sidereus Nuncius”. Face a tais descobertas é citado num processo do Santo Ofício, instaurado em 1633, que findou com a famosa abjuração, onde rejeitou para evitar a condenação, a teoria heliocêntrica: “Eu (...) Galileu, com setenta anos de idade (...) tendo diante dos meus olhos os sacrossantos Evangelhos que toco com as mãos, juro que sempre acreditei, que creio agora e com o auxílio de Deus, continuarei a crer em tudo o que defende, prega e ensina a Santíssima Igreja Católica e Apostólica (...). A falsa opinião de que o Sol esteja no centro do mundo e não se mova (...) dela abjuro de coração sincero e não fingida fé (...), maldigo e detesto tais erros e heresias (...) e se conhecer algum herege ou suspeito de heresia denunciá-lo-ei a este Santo Ofício ou ao inquisidor do lugar onde me encontre (...). Assino de meu

punho e letra a presente cédula de abjuração, que recitei palavra por palavra em Roma, no convento Della Minerva, no dia de hoje, 22 de Junho de 1633”. Falece em 8 de Janeiro de 1642, com a glória das descobertas realizadas, mas com a dignidade corrompida pela falta de coragem.

Isaac Newton (1642). Com Newton, a física terrestre é unificada com a celeste, quando demonstrou que a queda de um corpo na superfície da Terra, tal como o movimento da Lua na sua órbita, são explicados pela força gravitacional – *força de atracção* –, força esta, dependente da massa relativa a dois corpos e da distância entre os mesmos. Foi Newton, que construiu por volta de 1670, o telescópio reflector, telescópio em que se recorre a um espelho secundário plano, que desvia o feixe luminoso que se originou por reflexão na objectiva – *espelho primário* – fazendo convergir os raios luminosos no foco Newtoniano.

Gian Domenico Cassini (1625). É um dos fundadores da planetologia. Como a partir de 1664 pode dispor de bons telescópios, com diâmetros de cerca de dez centímetros e distâncias focais de alguns metros – *o que diminuiu a aberração cromática das lentes* –, descobriu o movimento de rotação de Júpiter – *consumado em 9h e 56m* –, de Marte, em 24h e 40m – *tendo-se enganado neste, em apenas 2m e 38s para mais* –, calculou as órbitas dos satélites daquele, descobriu quatro satélites de Saturno – *Jápeto, Rea, Tétis e Dione* –, tendo observado pela primeira vez a linha de tom escuro que divide os anéis deste planeta, e mediu com erro ligeiro a distância Terra-Sol.

Edmond Halley (1656). No seguimento de uma viagem que realizou à ilha de Santa Helena, elaborou um catálogo das estrelas meridionais, tendo sido o autor do primeiro mapa meteorológico da Terra. Com os elementos bibliográficos disponíveis, procedeu ao estudo das órbitas dos cometas que foram visionados entre 1337 e 1698, constatando que três, tinham trajectórias muito semelhantes, tudo levando a crer, tratar-se de um mesmo objecto a descrever uma órbita fechada com um período de 75 anos. Previu assim, o seu regresso para o ano de 1758, regresso que veio efectivamente a ocorrer no ano seguinte. É o cometa Halley.

Friederich Wilhem Herschel (1738). Interessa-se tardiamente pela astronomia – *com a idade de 35 anos*. Procurou construir telescópios com a máxima ampliação e capacidade de resolução, tendo o último que construiu um espelho com um metro e vinte e dois centímetros de diâmetro, um peso superior a uma tonelada, e uma distância focal de cerca de doze metros. Desenhou um mapa de todo o sistema estelar, descobriu numerosos cometas, as calotas polares de Marte, seis satélites de Saturno, o planeta Urano e dois satélites deste.

Charles Messier (1730). Foi o primeiro astrónomo que viu o cometa Halley, quando este regressou ao periélio em 1759. Para além deste,

observou um grande número deles, tendo descoberto dezasseis. Com um telescópio de 18 cm, cuja eficácia pode hoje ser comparada à de um aparelho com 8 ou 9 cm, elaborou um catálogo com 45 objectos celestes, publicado em 1771. Posteriormente, com a colaboração de Pierre Méchain, publicou um novo catálogo com 58 novos objectos – *terminando assim, com o n.º 103, o autêntico catálogo Messier, muito apreciado e utilizado por praticamente todos os astrónomos amadores contemporâneos, já que os objectos identificados podem ser visualizados com um pequeno telescópio.* A estes foram acrescentados 7, numerados de 104 a 110.

Urbain-Jean-Joseph Le Verrier (1811). Face à impossibilidade de prever com exactidão a órbita de Urano, provavelmente devido à presença de um corpo maciço ainda desconhecido e perto deste, no sistema solar, Le Verrier, estabeleceu a sua posição possível em Agosto de 1846, o que veio a ser confirmado por Gottfried Galle, em 23 de Setembro. Estava descoberto o planeta Neptuno.

J. Dreyer, director do Observatório de Armagh, na Irlanda, compilou nos finais do século XIX, o “New General Catalogue” (NGC), com 7840 objectos, a que foram acrescentados 5386 agrupados no denominado “Index Catalogue” (I.C.).

Percival Lowell, em 1905, por intermédio de cálculo previu a existência de um objecto com sete massas terrestres a uma distância de quarenta e três unidades astronómicas do Sol. Já depois da sua morte, em Fevereiro de 1930, Clyde Tombaugh descobria Plutão, quando analisava duas chapas fotográficas, no observatório que tinha sido de Lowell.

A moderna representação do universo reporta-se ao ano de 1924, quando Edwin Hubble, astrónomo norte-americano demonstrou que para além da nossa galáxia existem muito mais – *que se afastam de nós conduzindo, quer a um decréscimo da densidade quer da temperatura do universo.*

Nas fases de desenvolvimento actual, as galáxias são constituídas por estrelas com idades diferentes, com ou sem sistemas planetários, nuvens de pó frio ou pouco quente, e gases com temperaturas desiguais e níveis de concentração diversos. São normalmente classificadas em elípticas, espirais e irregulares. A Via Láctea faz parte de um pequeno conjunto de galáxias denominado Grupo Local, com cerca de 30 membros. É a nossa galáxia com um diâmetro de cerca 80.000 anos-luz e o Sol a 27.800 do centro galáctico. Terá qualquer coisa como cem mil milhões de estrelas. Nela existem agrupamentos de estrelas – *os enxames estelares abertos e os enxames globulares* – e nebulosas, para além, evidentemente, de estrelas solitárias, poeiras e gases. Os enxames estelares abertos são grupos de várias dezenas ou centenas de estrelas jovens que em alguns casos são

facilmente observáveis com binóculos, pequenos telescópios ou até à vista desarmada. Os enxames mais vistosos e fascinantes são os globulares. Constituídos por um número muito elevado de estrelas – *de 50.000 a alguns milhões* – reunidas à volta de um mesmo centro de gravidade e com uma simetria quase esférica, proporcionam-nos um prazer contemplativo incomparável. As nebulosas podem ser difusas – *nuvem de gás e de poeira que emite luz sob a acção de radiação de estrelas muito quentes que se encontram próximas* –, obscuras – *nuvem de gás e de poeira que oculta estrelas situadas por detrás dela* – e planetárias – *camada gasosa esférica, ejectada por uma estrela que explodiu*. As nebulosas denominadas planetárias – *mas que nada têm a ver com planetas como erroneamente o seu nome poderia denunciar* – são constituídas por material expulso por uma estrela que é visível no seu centro.

As equações formuladas por Einstein no âmbito da teoria da relatividade vieram demonstrar que a regra no Universo é a impermanência. E aqui, não resisto a citar Pessoa:

“ (...)

Mas o dono da Tabacaria, chegou à porta e ficou à porta.

Olho-o com o desconforto da cabeça mal voltada.

E com o desconforto da alma mal-entendendo.

Ele morrerá e eu morrerei.

Ele deixará a tabuleta, e eu deixarei versos.

A certa altura morrerá a tabuleta também, e os versos também.

Depois de certa altura morrerá a rua onde esteve a tabuleta,

E a língua em que foram escritos os versos.

Morrerá depois o planeta girante em que tudo isto se deu.

Em outros satélites de outros sistemas qualquer coisa como gente

Continuará fazendo coisas como versos e vivendo por baixo de
coisas como tabuletas,

(...) “

Do poema “*Tabacaria*”.

Segundo a teoria do “big bang”, o universo terá tido início há cerca de 15 mil milhões de anos. É a partir daqui que se inicia a contagem do tempo. Este parece não ter qualquer significado antes daquele momento. A teoria da relatividade terminou com a ideia do tempo absoluto e fez constatar a sua interdependência do espaço.

Os fundadores da teoria do “big bang”, que se encontra em constante aperfeiçoamento, são Alexander Friedman, Georges Lemaitre e George Gamow. Este último prevê a existência da denominada radiação fóssil – *se a imagem de um universo em arrefecimento, sugerida pelo movimento das galáxias, é correcta, e se há razão para o regresso ao passado até à era*

ardente, então no universo actual deverá existir um sinal dessa época sob a forma de uma radiação milimétrica. As primeiras considerações foram tecidas no sentido de que a grande explosão ocorreu num momento em que o universo era infinitamente pequeno e denso. No ano de 1965, dezassete anos após a previsão de Gamow, Arno Penzias e Richard Wilson, quando efectuavam experiências com um detector de micro-ondas muito sensível, observaram a radiação fóssil, um clarão milimétrico que provinha de todas as direcções, sem reservas quanto ao tempo – *dia, noite, mês, ano* –, pelo que deveria ter a sua origem no exterior da nossa galáxia. Estavam confirmadas as previsões de Gamow e de Friedman.

Interpretando devidamente este facto, algo nos assalta o espírito: não pode haver um único ponto em explosão como sugere a teoria clássica do “big bang”. É certo, que a constatação de que o universo se encontra a arrefecer leva-nos a concluir que no princípio deve ter sido extraordinariamente mais quente. Esta temperatura elevadíssima conduziu os cientistas à ideia de uma explosão de matéria confinada num volume minúsculo. Um universo infinitamente pequeno e denso. Nesse momento a densidade e a curvatura do espaço-tempo teriam sido infinitas. Tratar-se-ia de uma singularidade, em que qualquer teoria falha. Como diz Reeves – *Últimas Notícias do Cosmos, Gradiva* – “Esta noção muito popular entre os divulgadores e cineastas, corre o risco de criar confusão pois faz intervir elementos que se aplicam à cosmologia e outros que não. Podemos reter a ideia de uma matéria quente (*o explosivo*) que arrefece numa expansão violenta. Mas (...) a imagem de uma matéria inicialmente confinada a um volume minúsculo e propagando-se no espaço vazio envolvente deve ser rejeitada. Se queremos conservar a imagem da explosão, é preciso modificá-la. Imaginemos antes um espaço contínuo em que cada ponto está em explosão. O universo é homogéneo e não tem centro”.

A teoria do “big bang” não foi aceite por todos os astrofísicos. A concepção de um universo em mutação, com nascimento e morte não agrada à inquietude humana – *senão, vejam-se os esforços da Igreja para manter incólumes as doutrinas aristotélicas.*

Fred Hoyle, astrofísico inglês, formulou com Hermann Bondi e Tom Gold, a teoria do “estado estacionário”. Mesmo admitindo a rarefacção do universo – *as galáxias ao afastarem-se levam a um decréscimo, quer da densidade quer da temperatura* – compensam-na com a criação contínua de matéria. As galáxias afastam-se, mas no vazio inter-galáctico surgem novas aglomerações estelares geradas da matéria nova, em criação contínua.

Contudo, num universo infinito e estático não haveria noite. Olhássemos para onde olhássemos, encontraríamos sempre uma estrela e o seu brilho.

O próprio Einstein, quando formulou a teoria da relatividade, estava convencido de que o nosso universo era estático, ao que alterou os

resultados que apontavam em sentido contrário, incluindo nas suas equações a denominada “constante cosmológica”.

Friedman, físico e matemático russo, contrariou esta constante cosmológica, enunciando duas proposições:

1ª - O universo é idêntico seja qual for a direcção para onde se olhe – *proposição que foi demonstrada por Penzias e Wilson;*

2ª - Isto também ocorre, se observado de qualquer outra galáxia que não a nossa.

O universo não é, pois, estático.

O universo primordial seria algo sem forma, completamente desorganizado, um fluido sem estrutura, com a matéria extraordinariamente densa, quente e incandescente.

Alguns segundos após o “big bang”, a temperatura baixa para cerca de mil milhões de graus, momento em que prótons e neutrões começam a combinar-se produzindo núcleos de átomos de hidrogénio pesado.

Posteriormente surgem os núcleos de hélio.

Algumas horas depois e talvez durante cerca de um milhão de anos, o universo expande-se e com o arrefecimento, os electrões e os núcleos começam a combinar-se para formar átomos. Sobre esta miscelânea inicial, com pequeníssimas variações de densidade, a gravidade exerce os seus efeitos. A matéria primordial era uma combinação quase homogénea de hidrogénio e hélio, que pela fragmentação em torno de núcleos de condensação deu origem às protonuvens galácticas. Os coágulos de matéria ligeiramente mais densos que os envolventes, atraem-nos e o fenómeno amplia-se por si mesmo. Mais massa, maior a força atractiva. Nasceram assim, as galáxias, estruturas básicas do universo. Do nosso planeta, as únicas visíveis a olho nu, são a Via Láctea – *franja esbranquiçada de forma irregular, que atravessa a abóbada celeste passando pelas constelações do Cisne, da Cassiopeia e do Cocheiro* –, as nuvens de Magalhães – *que iluminam com a sua luz ténue as noites do Verão austral* – e a de Andrómeda, descrita no catálogo Messier como M31. Os outros milhares de milhões destes objectos, só podem ser avistados com instrumentos mais ou menos potentes.

O satélite COBE demonstrou a granularidade da radiação fóssil, o que parece ser um dos melhores argumentos para a explicação do nascimento das galáxias. Existem cerca de cem mil milhões de galáxias observáveis, com enormes espaços inter-galácticos.

Hubble, confirmou, por via do efeito Doppler-Fizeau – *as riscas espectrais dos objectos desviam-se para o azul, se a fonte emissora de luz se aproxima dum espectriscopio e para o vermelho se se afasta* – a previsão que Einstein se recusara a admitir. As galáxias afastam-se e o valor do desvio para o vermelho não é meramente casual, mas antes,

directamente proporcional à distância a que se encontram de nós – *quanto mais longe, mais rapidamente se afastam*. Este afastamento conduz-nos a um decréscimo, quer da densidade quer da temperatura do universo.

Por outro lado, o facto de se afastarem de nós por todos os lados, não quer dizer que sejamos o centro do mundo. Em toda a parte está o centro e o ponto de retorno.

Há quem interprete o afastamento no sentido da expansão do próprio espaço geométrico. As galáxias são arrastadas pelo alongamento do espaço.

No interior das galáxias, o hélio e o hidrogénio dividem-se e entram em colapso como consequência do efeito da gravidade. A compressão progressiva do novo objecto, transforma a energia gravitacional em calor, até que a uma temperatura de cerca de 10 milhões de graus, funciona como um verdadeiro reaktor nuclear, obtendo a energia da combinação de núcleos ligeiros com núcleos mais pesados. Aparecem elementos como o hélio e o carbono. Nascem as estrelas, de forma idêntica ao nascimento das galáxias.

Um astrofísico indiano, Sbrahmanyan Chandrasekhar, calculou que uma estrela que esgotasse o seu combustível e tivesse mais do que uma vez e meia a massa do Sol, não poderia manter-se contra a sua própria gravidade. Se a estrela tiver uma massa inferior àquele limite, no estado final, irá transformar-se numa anã negra ou numa anã branca. Se tiver uma massa superior – *ou até cerca de 10 massas solares* – teremos uma estrela de neutrões. O buraco negro pode surgir de uma estrela com algumas dezenas de massas solares. A ideia de buraco negro remonta a finais do século XVIII, quando John Mitchel publicou um estudo em que afirmava que uma estrela de densidade igual à do Sol, mas com um raio 500 vezes maior, teria um campo gravitativo tão intenso que não deixaria sair a luz produzida no seu interior. São astros, cujo campo de gravidade é tão intenso que nem a própria luz lhes pode ser extraída. É na definição de Stephen Hawking o conjunto de acontecimentos dos quais não é possível escapar para o infinito. A fronteira do astro é formada por trajectórias de raios de luz que não lhe conseguem escapar. Um buraco negro em rotação comportar-se-á como um torvelinho marinho, obrigando tudo quanto dele se aproxima a girar no mesmo sentido da sua rotação. Ao formar-se a singularidade espaço-tempo, poderá assumir a forma de um túnel, que a ficção tem utilizado para suscitar a ideia relativa à comunicação entre diferentes universos ou integrar uma viagem no tempo, no próprio universo a que pertence.

Algumas estrelas com várias massas solares, antes de atingirem o estado de estrelas de neutrões ou buracos negros, explodem na sua parte central, projectando os seus elementos no espaço. São as supernovas. Os elementos enviados para o espaço transformam-se em maternidade de novas estrelas.

A maternidade do nosso sistema é uma nebulosa protoplanetária, nuvem de gás e de pó interestelar que se começou a contrair, assumindo a forma de um disco achatado no centro da qual se formou o Sol – *que é uma estrela solitária, por não pertencer a nenhum sistema binário ou duplo*. A formação do sistema solar remonta a 4500 milhões de anos. Os elementos da nebulosa, que não se precipitaram para o seu centro – *onde se formou o Sol* – como consequência do movimento de rotação, começaram a agregar-se formando pequenos glóbulos de matéria crescente devidos à atracção gravitacional. Daqui surgiram os planetas, à volta dos quais em determinadas circunstâncias, se repetiu o fenómeno.

O Sol é uma estrela que dista de nós 149,6 milhões de km, o que equivale convencionalmente a uma unidade astronómica. É constituída por cerca de 73% de hidrogénio, 25% de hélio e 2% de outros elementos mais pesados. À superfície tem uma temperatura de 6000° e no interior de 15 milhões de graus. Comparado com Betelgeuse, estrela supergigante da constelação de Orion, tem um raio 1100 vezes menor. Está longe de possuir a massa que o poderia levar a desencadear uma explosão de supernova. Expandir-se-á até Marte na fase de gigante vermelha. Ao perder a atmosfera, restará o núcleo, pequeno como um planeta. É a fase de anã branca. O seu decesso está marcado para daqui a cerca de 5 milhões de anos.

Mercúrio é o planeta mais interior do sistema solar, bastante parecido com a Lua, já que tem a superfície cheia de crateras resultantes do embate de meteoritos. O dia solar é de 176 dias terrestres. De dia a temperatura é de cerca de 500° C e à noite de 200° C. A olho nu aparece como um ponto amarelo alaranjado e é visto na aurora ou no crepúsculo nas proximidades do horizonte, o que também torna difícil a sua observação com telescópios, devido à distorção da imagem.

A superfície de Vénus é o que mais se aproxima do inferno. Uma pressão 90 vezes superior à da atmosfera terrestre e uma temperatura de cerca de 480°C. A atmosfera é de dióxido de carbono e ácido sulfúrico. Roda sobre si próprio em sentido retrógrado, em 243 dias – *o dia é maior que o ano*. Chamam-lhe a estrela da manhã ou da tarde. É de fácil observação devido ao seu brilho.

A Terra é o planeta que habitamos. Tem movimento de rotação e translação em volta do Sol, que percorre em cerca de 365,2 dias. Nasceu com o Sol há 4500 milhões de anos.

Sem que exista uma certeza neste domínio pensa-se que a vida tenha surgido há 3,8 milhões de anos – *porque é essa a idade que os geólogos atribuem às rochas mais antigas que contêm carbonatos, elementos associados à vida*. Os primeiros seres, teriam uma única célula e viveriam

em lagos e charcos, produzindo oxigénio por via da fotossíntese, que ao subir criou a camada de ozono da estratosfera, que filtra os raios ultravioletas. Os fósseis mais antigos de seres vivos rudimentares – *algas* – datam de há 3,5 mil milhões de anos.

Há 600 milhões de anos, atentas as condições propícias, dá-se a explosão da vida com o aparecimento de inúmeras espécies vegetais e animais.

Na era primária, alguns vertebrados libertaram-se do ambiente marinho original e muniram-se de pulmões, dividindo-se em dois ramos: os anfíbios ou batráquios e os répteis.

A era secundária foi a dos grandes répteis

A época terciária é dominada pelos mamíferos, onde encontraremos os antepassados dos primatas.

Há cerca de 20 milhões de anos, surgiram os Driopitecos, primatas muito parecidos com os símios modernos, donde descendem os ramapitecíneos. Será provavelmente a partir deste grupo que evoluíram os nossos antepassados.

Há 4 milhões de anos surgem os Australopitecos. Mediam cerca de um metro e vinte e tinham um cérebro com cerca de 400 cm³ – *contra 1300 do nosso*. Alimentavam-se de frutos e raízes.

Um milhão e meio de anos depois, aparece um Antropiano, com o cérebro mais desenvolvido que o Australopiteco. Os utensílios que fabrica são relativamente perfeitos. É o *homo habilis*.

O Pitecantropo grande caçador e viajante viveu há 1,5 milhões de anos e o homem de Neandertal vive na Europa até há 40.000 anos.

Recuando 35.000 anos, encontramos o nosso antepassado directo, o homem de Cro-Magnon.

E a nossa civilização nasce apenas há 5000 anos na Mesopotâmia, entre os rios Tigre e Eufrates.

Seremos os únicos neste cosmos imenso? Drake, concebeu uma fórmula para calcular a quantidade de civilizações tecnológicas, que podem existir actualmente na nossa galáxia. Pelos seus cálculos – *que se estruturaram na: possibilidade da galáxia ter 100.000 ou 300.000 mil milhões de estrelas; proporção de estrelas simples do tipo solar; percentagem destas estrelas que podem ter um sistema planetário; fracção de estrelas com planeta em posição adequada; percentagem de estrelas com um planeta habitável onde se desenvolveu vida; percentagem destes planetas em que se desenvolveu vida inteligente; percentagem dos que evoluíram para uma civilização tecnológica; duração média de uma civilização tecnológica* –, obteve dois resultados, um pessimista e outro optimista. O primeiro, aponta no sentido de existirem 13.950 estrelas com planeta e civilização tecnológica, com uma distância média de 1790 anos-

luz, enquanto que o segundo aponta para 192,5 milhões de planetas com civilizações tecnológicas a uma distância média de 75 anos-luz.

Não nos olvidemos, dos 100 mil milhões de outras galáxias visíveis, para além daquelas a que ainda não tivemos acesso e das que nunca iremos ter...

O futuro do nosso universo, dependerá directamente da sua densidade, que por sua vez deriva da matéria cósmica. Quanto maior a densidade, mais as galáxias se atraem. Quanto menor, mais se afastam, levando à rarefacção do universo.

Hoje é uma incógnita a questão relativa à eventual contracção ou rarefacção do cosmos, o que também decorre do desconhecimento do valor da sua densidade. Se esta for superior a três átomos por metro cúbico, o campo de gravidade mútuo das galáxias será suficiente para efectuar o retorno. Se inferior, a expansão prosseguirá indefinidamente – *a densidade crítica é a que está no limite das duas situações*. Se porventura se vier a contrair, tal não ocorrerá em princípio, antes de 15 mil milhões de anos.

Albert Einstein, disse um dia, querer saber como Deus criou o mundo, “conhecer os seus pensamentos”. Mas faleceu na dúvida e na mesma ignorância em que irão falecer todos os da sua espécie.

É provável – *ou se se quiser, improvável* –, que o Cosmos seja eterno e infinito. No infinito há sempre lugar. Os mundos – *aqui entendidos como “universos”* – podem ser finitos, sucedendo-se na eternidade ou pode existir apenas um, infinito e eterno ou meramente finito. Nada nos garante, por outro lado, a inexistência de mundos paralelos.

Roger Penrose e Stephen Hawking, demonstraram que a teoria da relatividade geral, implicava que o “universo” tinha de ter um princípio e possivelmente um fim. Esta impermanência é uma provocação a profundas reflexões sobre a existência de algo, que esteja para lá das aparências e das mudanças.

Pode não existir um único mundo, mas infinitos, diferenciados entre si pelas configurações iniciais. Num de forças nucleares débeis, não se formariam elementos pesados e seria constituído por hidrogénio, enquanto noutra em que a força de gravidade fosse 10^{30} mais débil que a eléctrica – *no nosso esta relação é de 10^{39}* – tudo seria muito mais pequeno – *estrelas com massas de mil trilionésimas da massa solar* – e com um ciclo vital inferior a um ano. As condições iniciais poderiam também levar a uma radiação cósmica de centenas de graus, inviabilizando a vida humana, quem sabe, permitindo outros tipos de existência.

Assim, as leis que regem um mundo, podem não reger outro, tendo cada um o seu conjunto de leis físicas. Nada nos diz, que existem regras de

validade eterna e infinita. Os mundos podem ser como células num organismo que não tem forma nem limite e está para além do nascimento, de qualquer lugar, e da criação.

A maior parte das configurações iniciais, poderiam ser caóticas e irregulares. Inicialmente desordenadas, organizam-se ou mantêm-se naquele estado, divergindo as características e peculiaridades de cada uma. Num mundo em que a interacção forte fosse mais intensa que no nosso, o hidrogénio transformar-se-ia na totalidade em hélio, o que afastaria a possibilidade de existir água. Podemos multiplicar os exemplos conducentes à complexidade ou à “desorganização” – *entendida esta última, no sentido de não ser propícia à eclosão da vida.*

No nosso mundo, as galáxias estão a afastar-se, presumivelmente pelo alongamento do espaço geométrico. Imaginemos uma célula em crescimento. As galáxias estão fixas no seu tecido. Não se movem relativamente à membrana celular. Contudo, afastam-se tanto mais rapidamente quanto mais longe estiverem do local da observação, fenómeno perceptível de todo e qualquer lugar.

Na infinitude, outras “células” poderão comportar-se de forma diversa, colapsando num curto período de tempo ou serem alimentadas por materiais componentes de mundos contíguos. O canibalismo cósmico dependerá das distâncias entre mundos e das velocidades de crescimento das “células”. Em mundos idênticos, os gases e o pó dos dois sistemas acabam por se fundir, enquanto as estrelas se limitam a alterar a sua trajectória nos subsistemas – *galáxias*. O novo mundo, gerado por força da acção gravitatória, está ampliado e transforma-se numa armadilha mais eficaz do que os vizinhos de menores dimensões, cuja captura será apenas uma questão de tempo, caso as configurações por qualquer motivo a tal não obstem. Um mundo em rarefacção pode também nesta perspectiva ser alimentado pela matéria de um outro ou integrar-se nele, perpetuando determinadas estruturas.

Assim, o nascimento e a morte podem não ocorrer em todas as “células”, que conseqüentemente poderão participar da eternidade do todo. Apesar de serem um fluxo perpétuo, mantêm-se vivas, ainda que em constante mutação.

A matéria do mundo que habitamos, no princípio seria irregular e caótica. Originária ou derivada de contracção, colisão, expansão de outros espaços “celulares”. Poderia ser o resultado de um “big crunch”, em que as partículas constituintes de um sistema em colapso não colidiram integralmente formando uma singularidade, mas passaram ao lado, afastando-se de seguida e provocando a expansão a que agora assistimos. Ou pode ter existido desde sempre, aguardando que qualquer condição fortuita e obscura despoletasse o primeiro movimento.

O “big bang” é o limite do astrofísico e é também o limite da pesquisa metastronómica no que se desenrola para além dele. Com ele, começa um tempo específico, que não tem sentido fora da “célula” que habitamos. Não podemos falar de acontecimentos, prescindindo das noções de espaço e de tempo. Este último conceito, no domínio da teoria da relatividade não é absoluto, depende donde estamos e da forma como nos deslocamos.

Na primeira espécie de modelo de Friedman, o universo expande-se e depois contrai-se. O espaço é curvado sobre si próprio como a superfície da Terra. A sua densidade média é superior à densidade crítica. É um mundo finito na sua dimensão. Na segunda, a expansão é eterna. O espaço faz lembrar a superfície de uma sela e é infinito. A densidade média é menor que a densidade crítica. Na terceira, a expansão ocorre à taxa crítica e o espaço é plano e infinito.

Daqui por milhares de milhões de anos, o espaço contrair-se-á fazendo com que toda a matéria entre em colapso ou a expansão e consequente rarefacção fará com que se transforme num mundo completamente estéril, até que na melhor das hipóteses seja absorvido ou alimentado pela expansão de um vizinho?

Será a dissolução um retorno à origem, que não afectará o todo e a unidade, não alterando a mutabilidade da matéria a natureza do que é permanente?

Se tudo for Um, afinal quem nasce e quem morre?

Na eternidade e no infinito reina o princípio da incerteza. Todas as probabilidades podem ser tidas por lógicas.

Esta eternidade e infinitude existem por si ou são a emanacção de algo, a quem chamamos Deus, Ser, Absoluto, Alá, Todo ou qualquer outro dos seus mil e um nomes?

O divino transcende a esfera da experiência humana. Há uma transcendência absoluta relativamente a tudo o que o homem conhece. É inapreensível, impossível de conceber, para além do raciocínio, da experimentação.

A perguntas, tais como, porque existe o universo? Porque existe alguma coisa em vez de nada (Leibniz)? Porque existimos nós? Onde vivemos? Quem somos? Para onde vamos?, não responde a ciência, tropeça a filosofia em contradicções sucessivas e induz-nos a teologia a crer que somos detentores da verdade, em atitude de impertinente arrogância.

Deus, a alma, a existência, criação, e destino do Universo, permanecerão para sempre como mistérios, pelo menos enquanto objecto do exercício da razão, do dogmatismo teológico ou da experimentação científica.

“O mistério das coisas? Sei lá o que é mistério!
O único mistério é haver quem pense no mistério.
Quem está ao sol e fecha os olhos,
Começa a não saber o que é o Sol
E a pensar muitas coisas cheias de calor.
Mas abre os olhos e vê o Sol,
E já não pode pensar em nada,
Porque a luz do Sol vale mais que os pensamentos
De todos os filósofos e de todos os poetas.
A luz do Sol não sabe o que faz
E por isso não erra e é comum e boa. “

Talvez haja uma forma, que nos permita aceder ao conhecimento, sem recurso ao pensamento e aos seus múltiplos artifícios. Se houver, é incomunicável, constituindo-se como um trilho individual. Se houver, será cada um de nós, sem mestres, gurus, dirigentes, crenças e dogmas que a irá encontrar, sem que a procure ou quando menos a procurar.

&&&

Alguns homens, ora de amplo sorriso nos lábios, ora com expressões demonstrativas do esforço despendido, dilaceravam a terra com pesadas enxadas. Uma mulher aproximou-se com um cesto de verga. Uma merenda frugal a acompanhar com vinho do dono da propriedade. Havia naquele quadro uma alegria forçada, habitual, necessária à sobrevivência, que remendava a miséria e o sofrimento que se queria ocultado aos meus olhos.

Lembro-me do Tio Ferreira, cheio de filhos, com fome, de cabeça aberta por um cavaco que a Tia Penicha sua mulher lhe atirou no dia da festa da aldeia, a dançar com o porte de um pinheiro, cabelos a defrontar o vento, face encharcada de sangue virada à Lua, sorrindo, sorrindo sempre, enquanto rodopiava de braços abertos ao universo, desafiando a pobreza, os poderosos, os senhores do mundo. Ele que nem trabalho tinha...

O homem não existe para trabalhar e enriquecer. Nasceu para recolher os frutos da terra, amar intensamente, realizar a beleza, e contemplar em paz o meio envolvente.

No entanto, é um operário incansável. Fabrica ininterruptamente objectos, e está constantemente a fabricar-se a si próprio.

O trabalho e a riqueza são invenções do estúpido progresso.

Apesar de tudo, é a causa da nossa sobrevivência, da satisfação das necessidades essenciais, havendo que ganhar respeitosamente a vida e fazer com que os demais tenham acesso a uma existência material condigna.

Mas, constroem-se fortunas com expedientes, amontoa-se oiro com actividades ilícitas, burlas e artifícios, sempre à custa dos mais desprotegidos.

Na cidade grande, os homens limitam a sua vida, à carreira e às obrigações profissionais.

Os nossos dias foram passados a caminhar para o emprego em transportes incómodos, sempre acompanhados por gente sonolenta e mal-encarada, gente que abomina as tarefas que lhes estão destinadas. Uma contenda durável por ascensões, com as inerentes tramas, executando tarefas que só muito raramente nos satisfizeram.

Nos escassos tempos livres vivemos enclausurados em paredes de betão: em casa presos a programas televisivos supérfluos, com os filhos entregues às novas tecnologias; nos cafés, embevecidos por conversas fúteis; nos centros comerciais, desejando os produtos da moda... Trágico...

“Nas cidades a vida é mais pequena
Que aqui na minha casa no cimo deste outeiro.
Na cidade as grandes casas fecham a vista à chave,
Escondem o horizonte, empurram o nosso olhar para longe de
todo o céu,
Tornam-nos pequenos porque nos tiram o que os nossos
olhos nos podem dar,
E tornam-nos pobres porque a nossa única riqueza é ver.”

Há os momentos dedicados ao trabalho e ao estudo que exigem concentração. De qualquer modo, na medida do possível, devemos estar psicologicamente vigilantes.

No resto do tempo há que estar vigilante ao que se passa em nós e ao que nos rodeia, em especial à natureza. Estar atento aos pensamentos, às nuvens no céu, às estrelas, aos reflexos do sol nas águas, à montanha, aos rios e regatos, tarefa que se impõe para sempre.

Nesta atitude, não há tempo ou oportunidade para prantearmos o passado, que é a origem do que hoje somos. Devemos falecer para a sua lembrança.

Sem alento e energia não superamos os obstáculos, não atravessamos o rio de águas caudalosas ou a montanha íngreme. Mas, o empenho para se ser algo mais do que aquilo que se é, transforma-se no maior dos desperdícios. Basta-nos “ser”.

A mudança que se pretende pressupõe esforço. O esforço é contenda e a contenda é padecimento.

O trabalho e o acumular de conhecimentos geram conflitos quando os erigimos em fonte de transformação, de prestígio.

Ser-se o que se é, não querer ser, é a base da mudança que surge espontaneamente.

&&&

O lavrador deitou a charrua à terra. Na montanha semeou centeio, na encosta de nascente plantou vinha, na de poente castanheiros. Nos lameiros semeou feijão, milho e batatas, e nos jardins ricamente adubados as flores mais graciosas.

A consciência psicológica é a totalidade dos estados mentais percebidos pelo sujeito como referidos a si próprio.

O ser humano é idêntico. Ele é o prazer e a dor, ansiedade e tranquilidade, amor e ódio, alegria e tristeza, medo e destemor, segurança e insegurança, traumas e sentimentos de culpa, a herança cultural, os valores éticos e estéticos, e acima de tudo, padecimento psicológico.

Temos estratificado na nossa consciência a história psicológica da humanidade. Há uma estrutura básica da nossa mente que é o resultado das experiências imemoriais da raça e seus antecessores na longa cadeia da evolução da vida. Podem chamar-lhe o que quiserem, inconsciente profundo, colectivo. Este material comum, provavelmente comum a toda a humanidade, explica a existência de mitos de estrutura análoga em povos e civilizações que não tiveram qualquer contacto. Para além deste, a consciência não tem conteúdo próprio; no entanto, nunca está vazia, está repleta de coisas que lhe são exteriores quando a quietação psicológica é algo de fundamental.

De homem para homem as diferenças são meramente pontuais ao nível qualitativo ou quantitativo e as reacções divergem em conformidade com um terreno próprio cujo substracto é invariavelmente quase comum.

A humanidade inteira está em nós, com os seus desesperos, angústias, problemas psicológicos, indecisão, entusiasmo, astenia.

Somos todos potenciais “perversos polimorfos” (Freud).

“A diferença entre nós e os criminosos está mais no que fazemos do que no que somos. Sob algumas circunstâncias, todos os comportamentos são possíveis” (Anthony de Mello).

A consciência é formada pelo pensamento e seus resultados, bem como pelas nossas sensações e conhecemos-lhe vários estados:

- o sono, alimentado por sonhos, momento em que o contacto com o mundo exterior é cortado, criando o cérebro os mais diversos elementos que compõem uma nova realidade, um novo universo;

- o sono profundo, lugar de repouso por excelência, onde deixam de existir anseios e sonhos e nada sabemos ou sentimos;

- ao despertar, um momentâneo estado de libertação de todos os pensamentos com a inerente felicidade que daí advém;

- o estado de vigília.

No momento do despertar há em regra ausência do pensamento. É este estado que devemos buscar com a observação continuada de todos os recessos da mente.

&&&

“Nasci sujeito como os outros a erros e defeitos,
Mas nunca ao erro de querer compreender demais,
Nunca ao erro de querer compreender só com a inteligência.
Nunca ao defeito de exigir do Mundo
Que fosse qualquer coisa que não fosse o mundo.”

Este é o planeta dos papagaios engravatados. Uma gravata e um monte de citações alheias fazem dum simples oligofrénico um catedrático.

O saber é sempre relativo à situação espaço-temporal do homem. A nossa mente adquire conhecimentos, soma-os recorrendo à memória, à aprendizagem prévia, relaciona-os, reflecte sobre eles.

E quanto mais repetimos, mais citamos, mais inteligência parecemos ter aos olhos do mundo, confundindo-a com a memória que é perniciosa ao

perscrutar da vida e ao definitivo estabelecimento da harmonia. Mas há o conhecimento que não é fruto do pensamento e dos seus múltiplos mecanismos, que é fruto da pura observação e do deslumbre por esta gerado.

Inteligência não é conhecimento, não é pensamento, mas sabedoria. É o discernimento que nasce do silêncio e que nos permite de forma imediata perceber a realidade, separar o trigo do joio, a verdade do falso. É ler o que não está escrito, ouvir o que não foi dito, ver o que não é visível. É observação, percepção pura, no seu mais rigoroso sentido. Não é lógica ou razão, cultura acumulada ou tradição. É uma intuição que emerge do vazio.

&&&

“A espantosa realidade das coisas
É a minha descoberta de todos os dias.
Cada coisa é o que é,
E é difícil explicar a alguém quanto isso me alegra,
E quanto isso me basta.

Basta existir para se ser completo.”

Nas montanhas, vales e planícies, oceanos, mares, rios e ribeiras, nas galáxias e no céu da minha aldeia, há muito mais do que todas as filosofias, mesmo as vindouras, podem conter.

A realidade tem uma força e energia que não encontramos em nenhuma doutrina ou sistema filosófico.

Quando olho as águas da pequena barragem do alto da montanha, espanto-me. Se posteriormente permito que o pensamento interfira, gero prazer ou desagrado.

A beleza está no que é. Na realidade a que não necessitamos de adicionar ou subtrair seja o que for para a tornar mais bela ou menos feia.

Olhos, ouvidos, nariz, boca e mãos são os instrumentos que conduzem à realidade. À nossa realidade, percebida parceladamente por via das limitações impostas pelos sentidos.

O mundo não tem uma existência absoluta, tal como o vemos e sentimos. Existe em relação com a nossa mente. Se tivéssemos mais um sentido aparecer-nos-ia numa forma totalmente diferente. Dêem-me mais um sentido e transformarei o universo, farei cair filosofias, destruirei crenças.

No entanto, quando não há “eu”, a Realidade é o que é: Verdade, Beleza, Paixão, Amor.

Quando não somos isto ou aquilo, somos todas as coisas.

Para os materialistas não existe outra realidade para além da matéria e o pensamento resulta dela.

No entanto, os arbustos e pedras que vejo reflectidos nas águas do lago são reais. Real o objecto, real o reflexo. Real a árvore, real a sua sombra.

Tudo morre. O dia com o poente, a noite com a aurora. A árvore, a pedra, o rio, a terra, o sistema solar, as galáxias, o universo. Na morte está o novo, a castidade mental da criança, a Verdade, a Realidade.

&&&

A fantasia é ilusão; deturpa a realidade. Queremos ter prestígio, ser conhecidos e reconhecidos em vida e na morte. Procuramos o poder em todas as esquinas que cruzamos, em todos os locais que frequentamos. Sonhamos ser isto ou aquilo, um maestro famoso, político eminente, guerreiro valoroso, artista ou santo. Sonhamos que o mundo se prostra aos nossos pés, tanto, que as estrelas se curvam para nos beijarem e o Sol nasce por nossa secreta vontade. Quem é que não quer ser Deus?! Quem é que não sonhou com a absoluta liberdade?! Quem é que no seu pranto não iludiu o sono para imaginar a ascensão do ser à imortalidade?! O imaginário é-nos caro, é o sopro de alívio do sofrimento, o último reduto do pensamento. Sonhamos para amenizar a dor que gira, parte e retorna, tal fiel animal, que espoliado dum sentir próprio, maltratado e subjugado não abandona seu dono. Somos os mestres do sofrimento psicológico, mestres e aprendizes, locadores e locatários, administradores e administrados. Somos pensamento, somos sofrimento, defuntos numa vida de morte anunciada.

Queremos sempre prolongar o prazer, fazer cessar a dor, encetar uma fuga ao tormento. A fuga do que é, do que ocorre, é um lamento de que

ninguém se compadece, somente nós, nessa autocompaixão destrutiva e grito de solidão que não fenece. Mas, estamos vivos nas células que se comprimem num universo imaginário, que dia após dia, tece e é tecido por fio ensarilhado. Estamos vivos numa vida encenada, interpretada e comparada. Estamos vivos na morte, que em crianças e com o “eu”, conosco nasceu.

As águas correm cristalinas na pequena queda junto à barragem, as nuvens são sempre diferentes no céu azul, e os pássaros cantam diferenças ao sabor da aragem. A truta grande e velha do bloco de granito submerso está hoje quieta, tão imóvel quanto a corrente o permite. Mais tarde, cansar-se-á da imobilidade, já que o descanso nem sempre dá tranquilidade, e virá à superfície colher o alimento móvel, sempre com gestos rápidos e fugazes, novos, não estudados. E eu? Faço projectos, conjecturo feitos, iludo os sentidos.

A fantasia e a imaginação deturpam e inviabilizam a percepção límpida das coisas, que só é possível com a quietude do cérebro.

Na ficção há uma representação mental divorciada da realidade.

A ilusão e a fantasia de que se é algo para além do que se é, só produzem alívio passageiro e geram mais sofrimento quando aquele cessa.

Quando fantasiamos não estamos presentes no aqui e agora. Vivemos um futuro fictício, um sonho irreal onde as nossas forças são consumidas e donde nascerá forçosamente a dor, esta sim, evidente.

Só há autenticidade quando desejamos ser nós mesmos, e mais nada para além disso.

&&&

“Antes o voo da ave, que passa e não deixa rasto,
Que a passagem do animal, que fica lembrada no chão.
A ave passa e esquece, e assim deve ser.
O animal, onde já não está e por isso de nada serve,
Mostra que já esteve, o que não serve para nada.

A recordação é uma traição à Natureza.
Porque a Natureza de ontem não é Natureza.
O que foi não é nada, e lembrar é não ver.

Passa, ave, passa, e ensina-me a passar!”

Viver no mundo sem ser do mundo, caminhar só na vereda da vida com o abismo à espreita, soltar amarras, içar a vela grande e partir rumo ao nada, sem temer a tempestade nem desejar a calmaria, conscientes de que nenhuma pessoa ou coisa terá o poder de nos dar ou retirar a paz e o amor. Eis o segredo.

No entanto, caminhamos presos em liberdade. Livres para calcorrear estradas, campos, cidades, e presos aos nossos condicionamentos e experiências.

Estamos condicionados pelas nossas crenças, ideias, hábitos, anseios, apeamentos e medos. Se sou cristão, social-democrata, com ideias preconcebidas acerca de tudo e todos, buscando ardentemente o poder, ligado à mulher com quem vivo, com medo de perder o que possuo e da própria morte, a minha actividade mental desenrola-se num presídio autoconstruído sem acesso ao deslumbre do novo, da mudança que ocorre nas coisas momento a momento.

Destruir os condicionamentos não é recalá-los, sublimá-los, compensá-los. A destruição pressupõe entendimento. Entendimento que decorre da observação contínua e desinteressada, que não emite juízos de valor, comparativos, que se limita à auscultação do que é, levando sem esforço à mudança.

Ao estabelecermos uma relação conducente à apreensão dos elementos comuns ou diversos dos objectos, seres ou pensamentos, confrontamos. Com a comparação destruímos a sua individualidade.

Quando formulamos juízos enunciamos o que deve ou não ser, quando o que é, é um facto indesmentível e irreduzível a qualquer visão limitadora.

Os condicionamentos são destruídos por intermédio do autoconhecimento.

A aprendizagem é um processo complexo capaz de possibilitar ao ser humano e ao próprio animal a aquisição de um determinado comportamento por meio da repetição. Autoconhecimento não é aprendizagem.

Precisamos de ser *críticos* relativamente ao conhecimento adquirido pondo em crise o dogmatismo e as crenças. O espírito crítico é o que está livre de condicionamentos e contradições internas, que é independente e solitário.

Da destruição dos deuses criados pelo pensamento humano, dos dogmas, dos sistemas filosóficos e políticos, das experiências passadas, nasce a liberdade que é incompatível com quaisquer hábitos. O dogmatismo com as suas verdades definitivas é o ventre gestante da intolerância. Esta, a destilaria do ódio.

Se nos libertarmos do pensamento, libertamo-nos de tudo o que nos relativiza, que nos condiciona. E a libertação do pensamento passa pela sua vigilância, momento a momento.

Aí, quando pesquisamos algo, comportamo-nos como quem nada sabe. A pesquisa pressupõe liberdade de respostas pré-programadas pelas nossas motivações e condicionamentos. Seremos crianças inocentes, pobres em espírito, nas quais as impressões residuais e pulsões se apresentam de forma virtual.

&&&

Ser livre é caminhar sózinho no deserto ou na multidão, sem fórmulas nem mestres. Para viver precisamos derrubar os condicionamentos.

Estar desacompanhado é o princípio da libertação. É fantástico não contar com nada nem com ninguém para enfrentar uma crise, resolver um problema, ultrapassar um obstáculo.

Numa primeira observação, parecemos nascer para a família, para a sociedade. Mas, nascemos para nós e morremos sózinhos.

A autoridade interior ou exterior produz conformismo, medo e auto-aniquilamento. O Estado, os políticos, as filosofias e religiões criam imperativos éticos e jurídicos que limitam o nosso crescimento e o desabrochar espontâneo da beleza e do amor.

É fundamental morrer para o passado. Há os traumas, os recalcamientos, as sublimações, os complexos de inferioridade, os sentimentos de culpa. Há que os escutar sem desesperar até que se desvançam ou esmoreçam.

“Tristes das almas humanas, que põem tudo em ordem,

Que traçam linhas de coisa a coisa,
Que põem letreiros com nomes nas árvores absolutamente
reais,
E desenham paralelos de latitude e longitude
Sobre a própria terra inocente e mais verde e florida do que
isso!”

A liberdade não se coaduna com rótulos. Requer a destruição dos condicionamentos, do ciúme, da cupidez, do vir a ser e ter. Um cérebro vazio é um cérebro livre, sem disciplinas e regras deformatórias.

Devemos libertar-nos da obstipação emocional. Temos de expressar os nossos sentimentos sejam eles quais forem. Mostrando quem realmente somos ao nível emocional, sem nos preocuparmos com o desagrado ou aprovação daqueles a quem nos expomos, acabamos por destruir as manifestações psicopatológicas que surgem pela hipocrisia da contenção sentimental forçada.

Quando vivemos segundo os nossos próprios parâmetros, isso não é egoísmo, é uma liberdade cujo conteúdo essencial não é afrontado. O egoísmo nasce quando alguém quer impor a outrem as suas regras, determinações e expectativas.

A organização forçada da comunidade, estruturada na integral igualdade dos indivíduos, na comunhão dos bens e dos meios de produção, é utópica. A sua existência dependerá da liberdade de condicionamentos, do ciúme, da inveja e da ambição, do entendimento total dos anseios e do pensamento.

Só a liberdade, não a democrática, mas a psicológica, pode construir uma sociedade isenta de desigualdades, guerras, fome e ódio.

Libertos dos condicionamentos e das impressões residuais, com a inocência da criança de tenra idade, tudo nos espantará. Teremos uma mente livre que não dana seja quem for e não pode ser magoada.

&&&

O afecto é um fenómeno energético que se produz na mente superficial ou profunda com eventuais repercussões orgânicas, por via de um estímulo, de manifestação exterior ou até interior. Prazer e sofrimento são encarados como as suas grandes divisões. A afinidade pode ser física ou mental, mas constitui-se em regra, como atracção mútua, e a afectividade é mais do que o somatório das emoções e sentimentos.

Amizade é afeição recíproca. Mas amizade não é amor. Este dispensa a reciprocidade.

Os relacionamentos geram quase sempre padecimento porque esperamos que os outros ajam não segundo as suas próprias convicções, mas segundo as nossas. Queremos que se coadunem com as nossas motivações.

Se abandonarmos estas exigências egoístas cessa a dor. Mas, evitar os relacionamentos para atingir a paz é uma fuga, e como tal, também fonte de sofrimento.

O relacionamento estrutura-se nas ideias reciprocamente formadas pelos relacionados.

Ninguém tem o poder de fazer alguém feliz. Somos nós que decidimos se queremos ser felizes.

Não é a pessoa com quem me relaciono que me faz feliz. A felicidade brota da união, como a água que irrompe de duas nascentes e explode vigorosamente na fonte sulcada na rocha.

A água que me sacia a sede não é duma nem doutra, mas do encontro das duas.

A imagem que os outros têm de nós não é importante, seja favorável ou pernicioso e deve ser-nos indiferente de modo a que a nossa liberdade não seja cerceada.

O homem deve exprimir sempre a sua verdade, a menos que esta possa causar um injustificado prejuízo aos outros.

É preciso dizer sim, quando o sim se impõe e não quando o não se impõe, mesmo que isso faça perigar a nossa comodidade, estabilidade ou até a própria vida.

Será necessária coragem para afirmar a verdade?

Os adutores são como as víboras, saem quando o Sol aquece a terra e escondem-se quando das intempéries.

O amor não é físico ou espiritual. Não se cansa nem se esgota. Satisfeito, não diminui de intensidade. É como um quadro para o qual não nos cansamos de olhar. Existe quando o “ego” desaparece, o tempo cessa e o espaço se desvanece.

Amar é voar sobre um oceano de liberdade mútua.

A liberdade é um estado positivo e a adequação, negativo. A escravidão psicológica dos que procuram agradar para satisfazer o capricho doutrem, destrói o amor, cujas pétalas desabrocham quando o nosso ser não é violentado.

Só ama quem é livre. Só ama quem concede liberdade à pessoa amada.

&&&

A nossa vida é um amontoado de problemas do princípio ao fim. Problemas de relação – *familiares, laborais, amorosos, nos conhecimentos e amizades* –, sexuais – *com inúmeros mitos e barreiras* –, morais, religiosos, estéticos, psicológicos.

No conflito há um encontro de forças contraditórias, em que cada uma pretende dominar a outra. Do confronto resulta inexoravelmente desgaste.

Os problemas têm de ser resolvidos instantaneamente. A indecisão é um conflito entre o quero e o não quero, vou e não vou, que absorve a actividade do cérebro e o inviabiliza de observar.

Se fugimos do problema, ficamos com ele e com o novo, que cuidávamos adequado para a sua substituição.

Perceber um problema é vê-lo em toda a sua extensão sem que o pensamento interfira. Resolvê-lo é dar-lhe atenção imediata.

Quando agimos na mira dum resultado, dum prémio, da aprovação, do lucro, do prestígio, estamos a estimular o conflito. A própria fantasia também o gera.

Sempre que somos algo e desejamos ser outrem ou queremos esforçadamente modificar uma parte do nosso ser, ele nasce.

Da luta travada pelo ser, para vir a ser, da contradição íntima, nasce invariavelmente um problema, que é um desperdício de vitalidade, de energia, um moinho com velas expostas ao vento sem cereal para moer.

Quando se vive na realidade, há paz, não há conflito. O ser é o que é, e nessa simples existência não germina a litigância.

&&&

Os nossos dias são passados em busca da fama, riqueza, prestígio, conhecimento, sexo, poder, da santidade, e deixamos que a vida nos passe ao lado.

É absurdo o que se contradiz a si mesmo, mas também a ambição filosófica, que termina sempre num sentimento de angústia, por via da concreta realidade do homem e das limitações inerentes à sua condição.

Enquanto pelejamos entre nós e connosco há um espectáculo maravilhoso que passa despercebido. São as montanhas de contornos sublimes, as águas cintilantes dos rios, os prados verdejantes, os rostos, o céu azul, que desperdiçamos porque não há tempo para o eterno agora, apenas para um passado falecido e um futuro inexistente.

Não nos basta o que somos. Queremos ser algo mais. Nunca reclinamos a cabeça no momento presente deixando que o vento embale os nossos cabelos e o Sol acaricie os nossos sentidos.

“Que difícil ser próprio e não ver senão o visível!”

A necessidade de preenchimento, de ser alguém para além do que se é, é uma criação do *ego* e é fonte de conflito com o padecimento resultante.

Queremos ser prestigiados, famosos, célebres entre os célebres e escondemos quem somos.

Falta-nos a franqueza da criança, a realidade da árvore, do mar, das estrelas e mentimos. Mentimos sempre, porque temos medo, de desagradar, de ser rejeitados, de ficar sós.

Iludimos os outros e com o hábito transmutamos essa ilusão em verdade, iludindo-nos a nós mesmos.

Não sabemos quem somos nem quem os outros são. Não queremos saber. É fácil mentir, enganar ou ignorar. É penosa a ampla exposição, a verdade.

Não há nada a atingir. O prestígio, a ambição e os seus frutos são passageiros.

É legítimo terminar com o penar psicológico e com tudo o que não é amor: o ciúme, o sentimento de posse, a ambição, a inveja, o ódio.

A renúncia do santo é uma forma de ascensão ao poder. Não é diferente da ambição de poder e prestígio do político ou da de riqueza do empresário.

Só o “ser” é válido. Por isso o que aprende a viver com os recursos disponíveis, não se angustia na escassez e não se vende aos poderosos.

&&&

Vivemos em perpétua insegurança porque não somos como os pássaros do céu ou as flores do campo. A insegurança é pensamento e só existe enquanto este existir e na sua dependência.

É sábio quem sente a efemeridade.

A impermanência é tudo o que temos. Posso contraír uma doença, ser atropelado ou ter qualquer outro acidente, o meu filho e a minha companheira podem morrer, uma guerra pode destruir o meu país, um meteoro a Terra e um qualquer fenómeno desconhecido a galáxia ou o universo.

Na vida impera o acaso. Um autocarro passa uma ponte no momento em que por desgaste de dezenas de anos se desmorona. Há a junção de duas causas: a vontade do motorista em conduzir os passageiros a casa por aquele itinerário e a deterioração mecânica da edificação.

Precisamos entender o facto de que a segurança não existe e viver com isso, não de forma patológica, mas entusiasmada e livre, sem temer a vida e a morte que se complementam, ou melhor, que são uma única e mesma coisa.

A vida futura é um facto incerto. Para viver temos de admitir a insegurança. Temos de a sentir profundamente no nosso coração. Só esse sentimento permite o gozo pleno, intenso e apaixonado do momento presente, único que possui existência real e que é em regra aniquilado pela mente.

Queremos estar seguros por intermédio de crença incontestada num deus pessoal ou impessoal. Esse deus é pensamento e medo, fuga e ilusão, e a insegurança não é destruída e a sensação de impermanência não é mitigada.

Um único e accidental momento de pânico mostra-nos imediatamente a precariedade e instabilidade da existência.

Se o homem estivesse certo da imortalidade da “alma dos justos” ou da sua sobrevivência temporária à morte, proporcionalmente ao mérito das acções e intenções, o mundo seria totalmente diferente. O egoísmo, materialismo, guerra, fome e violência, seriam excepções e não regras.

&&&

“ (Louvado seja Deus que não sou bom,
E tenho o egoísmo natural das flores
E dos rios que seguem o seu caminho
Preocupados sem o saber
Só com o florir e ir correndo.
É essa a única missão no Mundo.
Essa – existir claramente,

E saber fazê-lo sem pensar nisso.)”

Qual é o sentido da vida?

Terá algum sentido em especial?

Ou não tem qualquer sentido?

A vida é um dom universal sem sentido particular ou especial. Tem de ser vivida, sentida intensamente, com paixão, em todos os momentos, em todas as circunstâncias. Tem de ser apreendida no seu fluir, no perpétuo movimento da complexa situação existencial formada pelo que é interno e externo.

Pensamos atingir a felicidade por intermédio da riqueza, do poder, do sexo, os três deuses eleitos da humanidade, camuflados por sentimentos hipócritas de generosidade, humildade e amor. Queremos ter prestígio, ser respeitados, venerados, conhecidos e ilustres em vida e até na morte.

Os homens convencem-se até ao momento da morte que o sentido da vida é o “ter”. São como crianças criadas no meio de lobos. Nunca descobrem que podem andar de pé e resignam-se a caminhar em quatro patas.

Saber olhar e escutar é a maior das riquezas. Sem sentido da vida tudo vale a pena.

Ser-se natural é ser como a árvore frondosa que no silêncio da tarde deixa que lhe tirem os frutos e abençoa com a sua sombra todos os que a procuram, como a luz da candeia que ilumina a igreja e o presídio, o padre e a prostituta, o santo e o ladrão ou a chuva que alimenta e faz crescer o pão e as ervas daninhas.

Quem me dera que os meus dias fossem passados com a paz de uma flor, das paredes brancas da casa grande da colina a afagarem o Sol e a Lua, sendo o que sou por sê-lo, tal como a flor exala o seu perfume sem saber qual o seu odor e a parede a sua alvura sem saber a sua cor.

Da vida não quero nada de especial.

Quero aniquilar o ciúme, o ódio, a agressividade, a impaciência, a inquietude, a inveja, a ilusão, os múltiplos medos.

Quero perceber a inconsistência dos anseios e apegos e libertar-me de todas as convicções, dogmas e experiências psicológicas passadas.

Quero ficar só, para que em paz e nessa solidão afectuosa possa olhar as estrelas, as nuvens que correm no céu azul, os rostos das crianças e das

mulheres, as ribeiras e fontes da montanha, os picos da serrania e o poente da minha existência.

Quero estar só para amar indiscriminadamente, de forma espontânea e gratuita.

A indiferença afectiva não pode ser resultado do desapego metódico. É imediata, nasce quando o cérebro suspende a produção de pensamentos.

Acusam-me de ser indiferente ao mundo, de não lutar pela sua transformação.

No entanto, a minha influência restringe-se àquilo que sou e não ao que finjo ou quero ser.

A luz da polar é débil, mas indica o Norte sem saber que o indica. Uma pequena quantidade de água pode ser derramada ou salvar a vida dum naufrago. Uma candeia não pode iluminar uma floresta, mas pode incendiá-la.

“Acho que só para ouvir passar o vento vale a pena ter nascido.”

&&&

“Acho tão natural que não se pense
Que me ponho a rir às vezes, sozinho,
Não sei bem de quê, mas é de qualquer coisa
Que tem que ver com haver gente que pensa...

Que pensará o meu muro da minha sombra?
Pergunto-me às vezes isto até dar por mim
A perguntar-me coisas...
E então desagrado-me, e incomodo-me
Como se desse por mim com um pé dormente...

Que pensará isto de aquilo?
Nada pensa nada.
Terá a terra consciência das pedras e plantas que tem?
Se ela a tiver, que a tenha...
Que me importa isso a mim?

Se eu pensasse nessas coisas,
Deixaria de ver as árvores e as plantas
E deixava de ver a Terra,
Para ver só os meus pensamentos...
Entristecia e ficava às escuras.
E assim, sem pensar, tenho a Terra e o Céu.”

A vivência das inúmeras situações que se nos deparam na vida leva ao conhecimento que é armazenado em memória. Deste nasce o pensamento que conduz à acção – *negativa ou positiva* –, que se constitui como uma nova vivência ou experiência e assim sucessivamente, sempre com utilização de palavras e imagens.

Precisamos compreender a sucessão de pensamentos, levar esse entendimento até às origens do seu movimento.

A actividade mental é limitada. O nosso cérebro não se desenvolveu de forma a transcender o espaço e o tempo.

Estruturando-se na memória nunca é totalmente novel e em consequência não é integralmente autónomo.

Bertrand Russel entendia a filosofia como algo que se situa entre a teologia – *que tem por objecto questões inatingíveis pelo conhecimento experimental, estribando-se na tradição e na revelação* – e a ciência – *que domina o conhecimento definido* –, “terra sem dono” isenta da impertinência e arrogância daquela e as “certezas” desta. Nesta perspectiva, a filosofia não deve ater-se nunca à autoridade – *como acontece em regra com a filosofia oriental* –, quer da revelação quer da tradição. Não é teologia, não é ciência, não afirma dogmaticamente o conhecimento onde apenas vigora a ignorância, nem se assume como conhecimento estabelecido ou definido pela experimentação. Ela é o meio-termo destas duas realidades.

Terá nascido na Grécia com Tales – *nascido por volta de 624 antes de Cristo*. Segundo Cícero, teria sido Pitágoras o primeiro filósofo a utilizar a palavra filosofia – *que etimologicamente significa “amor da sabedoria”* –, comparando a vida no seu todo às festas de Olímpia, onde se deslocavam uns para negociar e retirar dividendos financeiros do acontecimento, outros para participarem nos jogos, outros única e exclusivamente com o intuito de se divertirem, e alguns, para assistirem sem mais ao evento, observando o que acontecia. Estes últimos seriam os filósofos, contempladores desinteressados do seu próprio interior e do meio envolvente.

É indiferente que a filosofia grega tenha ou não derivado total ou parcialmente de doutrinas orientais – *como afirmaram alguns filósofos judaicos de Alexandria, no século I antes de Cristo e em especial, Numénio*

de Apameia no século I depois de Cristo – e tenha questionado praticamente toda a problemática filosófica, tratada posteriormente até aos nossos dias por múltiplos filósofos e escolas filosóficas, procurando constituir-se como um caminho certo para a felicidade. Como actividade meramente teórica é praticamente de nula utilidade, e quando se quer constituir como guia de acção no sentido de encaminhar a vida humana para a felicidade, se se reveste de alguma eficácia, esta tem de ser aferida pela limitação que lhe é própria – decorrente das limitações do cérebro e do pensamento, seu produto.

“Não basta abrir a janela
Para ver os campos e o rio.
Não é bastante não ser cego
Para ver as árvores e as flores.
É preciso também não ter filosofia nenhuma.
Com filosofia não há árvores: há ideias apenas.
Há só cada um de nós, como uma cave.
Há só uma janela fechada, e todo o mundo lá fora;
E um sonho do que se poderia ver se a janela se abrisse,
Que nunca é o que se vê quando se abre a janela.”

O espanto do filósofo perante o mundo é destruído pela cogitação.

O universo tem os seus limites no espaço-tempo, é divisível em partes, ou até ao infinito?

Há uma liberdade moral ou o conhecimento das causas implica obrigatoriamente o do seu efeito?

Há um “ser” necessário ou apenas entidades contingentes sujeitas a um porvir imprevisível?

O pensamento não pode atingir uma verdade geral. Em primeiro lugar porque é limitado. Depois, porque qualquer atitude que assuma um juízo como verdadeiro é absurda face à inexistência de um critério único de certeza.

Tudo o que vemos para além da natureza no seu estado puro foi gerado pelo pensamento. O homem construiu cidades, desviou leitos de rios, edificou pontes, plantou e devastou florestas, fez recuar os mares, teorizou sistemas filosóficos, inventou religiões, dogmas, superstições, escreveu livros tendo chamado a alguns sagrados, protegeu-se com deuses, ídolos e amuletos.

Deus, a alma, livros divinos e de revelação resultam do pensamento que é limitado, o grande responsável pelo padecimento e pelo tempo. Limitado por no seu âmbito só caber o que foi experimentado, não podendo atingir o desconhecido.

O Absoluto não pode estar na área do pensamento.

É difícil “observar” o pensamento e o que nos rodeia. Estamos mais interessados em manter os conflitos. É um hábito difícil de destruir. Os hábitos só cessam quando para eles morremos instantaneamente. E esta morte, é a morte do pensamento que só se atinge com a observação incessante da mente.

Quando o pensamento cessa, o “eu” desaparece, deixamos de existir e nesse estado magnífico sem sofrimento passa a existir a Verdade, a Beleza, o Amor. Só há perturbação onde existe o *ego*, que é sucessão de pensamentos. Estes incomodam tanto como o brinquedo que a criança sabe que vai receber no dia seguinte e a impede de adormecer.

Dizemos constantemente que devemos controlar a agressividade, o ódio, a ira, a inveja, o ciúme, o medo, o desejo. Estes estados emocionais são pensamento e o pensamento não nos é exterior.

Afinal quem controla quem? Eu a controlar o meu “eu”? Este, não sou “eu” mesmo?

Só na presença do “eu” há ódio, inveja, ciúme, medo e desejo.

É o pensamento que cria o “eu”. Sem pensamento não há pensador.

O problema fundamental é entender o pensamento. É fundamental percebê-lo, os seus múltiplos mecanismos, as construções mentais. Não paralizá-lo, mas escutá-lo, fazendo-o assim findar.

O paraíso e o inferno são criações de mentes aturdidas. Somos nós que os transportamos connosco, sendo respectivamente a ausência e a existência de pensamentos.

Quando o pensamento termina, há morte e a visão daí resultante é renascimento, inocência, eternidade.

Quando a mente está despojada porque o pensador já não pensa, há tranquilidade, há paz. Quando está silenciosa, pode então penetrar num mundo que em muito a excede.

Na origem não temos pensamentos. O estado que os separa é quietude, silêncio. O silêncio é um estado que transcende a palavra e o pensamento, é a eterna eloquência.

Faz falta conhecer e não pensar. Ficar tranquilo quer dizer não pensar.

“ Há metafísica bastante em não pensar em nada”.

&&&

O estado de vigilância permanente não é fácil. É algo que se vai construindo até que se torne numa actividade mecânica como o respirar. No princípio pode parecer uma tarefa espinhosa. Mas é com um espinho, que da carne se retira outro espinho, e quando este for extraído, rejeitam-se os dois.

Estamos habituados a divagar mantendo a mente ocupada com ninharias, obsessões, fantasias, projectos e recriminações, sem que tenhamos viva consciência disso. Essa turbulência mental envenena a nossa existência, mas nada fazemos para a fazer cessar, bem pelo contrário, alimentamo-la abundantemente como fazemos com o fogo no Inverno rigoroso.

Autoconhecimento é caminho para um homem só, com as experiências em si vivenciadas. De nada nos servem as teorizações e interpretações alheias acerca do medo, do amor, do padecimento psicológico. É observação, e esta exclui juízos valorativos ou explicativos.

Observação na perspectiva do autoconhecimento implica vigilância constante de toda actividade mental e fisiológica perceptível. É uma escuta permanente dos estados afectivos e emocionais, dos gestos e atitudes, dos pensamentos e sensações que por si só, independentemente de esforço e resistência produzirão inevitavelmente transformações substanciais.

Somos quem somos e nessa descoberta fundamental que envolve o desvendar da estrutura da consciência e a percepção da efemeridade das nossas realizações, da frustração resultante da não satisfação dos desejos, dos caminhos do prazer e do sofrimento, estaremos a modificar-nos, sem saber que o fazemos ou sem querermos que tal aconteça.

A procura da diferença é já um obstáculo ao seu surgimento, porque o refreamento origina um problema idêntico ou mais poderoso do que aquele que se pretende aniquilar. Querer ser diferente do que se é, é causa de dor.

Se compreendemos quem somos, levando esta investigação às últimas consequências, despontará a sabedoria e quem sabe o amor que é sensibilidade e paixão por tudo e por nada.

Há o conhecimento que incide sobre objectos do exterior e o que se debruça sobre os pensamentos, sentimentos e fenómenos vegetativos internos. Quando escuto o pensamento não necessito de ficcionar qualquer separação entre o *ego* e uma qualquer outra entidade, tal como o “*Eu superior*” a agir a título de observador. Observador e observado são uma única pessoa.

A introspecção, que é análise realizada pelo próprio indivíduo relativamente ao conteúdo da sua consciência, é perniciosa por separar o observador do observado. A análise decompõe o todo no que consideramos os seus elementos e destrói o indecomponível.

Só o ser é válido. O querer ser é ilusão. Precisamos apenas de escutar o que somos sem querer agir modificativamente, adequando-nos a uma qualquer imagem ideal do vir a ser.

Observando o que somos, não há querer ser e em consequência, não há contenda interior.

A constante vigilância dos nossos pensamentos, estados de ânimo, emoções, sentimentos, é uma forma de apaziguar a mente.

A ânsia de preenchimento é fonte de dor. A necessidade de ser preciso e perfeito é doentia. Apenas o hábito é passível de aperfeiçoamento. Ser o que não se é, é hipocrisia, fuga à realidade.

Se instante a instante nos estamos a conhecer observando-nos, surge a sensibilidade, nasce a bondade, sem que tenham importância os erros e culpas do passado. No instante presente, não há lugar para o passado, sob pena daquele ser destruído na sua essência. Na observação da mente é fundamental que o passado deixe de existir.

O autoconhecimento leva à quietude da mente, uma quietude sem motivo. Quanto mais quieta, mais se manifestam as camadas profundas da consciência, levando à compreensão total do nosso ser.

No autoconhecimento produtivo, em que a mente silencia as correntes do pensamento, a rememoração é espontânea, por ser a sua própria causa e estar isenta de condições, não havendo assim que provocar a anamnese.

Quem pelo autoconhecimento atingiu todas as camadas da sua consciência, leu o grande livro da Vida, não lhe sendo exigível qualquer leitura de natureza psicológica.

A sabedoria não está no conhecimento acumulado em suportes físicos, nas vivências de outrem, mas no nosso interior e manifesta-se pela auto-observação continuada, que tem de atingir a consciência em todos os seus recantos, permitindo a livre expansão do material inconsciente, possível pela quietude que ocorre quando o pensamento cessa – *pela sua própria observação*.

Psicologicamente não só é desnecessária como também perniciosa a acumulação de conhecimentos. Esta deve restringir-se aos aspectos técnicos da existência.

O homem deve libertar-se das preocupações. Quer pela escuta, quer pela solução ou resolução imediata do problema.

Precisamos escutar a verdade a respeito de nós próprios, percebendo todas as fugas que geramos, todas as ilusões, destruindo-as.

O autoconhecimento, ao conduzir-nos à profundidade do ser, destrói os deuses dos homens, as religiões, as filosofias, os partidarismos. Mostra a sua futilidade e origem, que se estriba no medo de estar só e da morte.

Leva à extinção dos condicionamentos. Esta, à liberdade, que por sua vez conduz à criação explosiva, a que só as crianças e os puros têm acesso.

&&&

Na percepção do pensamento e do seu movimento, deparamos com inúmeros estados emocionais negativos, tais como o ciúme, o ódio, a inveja, o egoísmo, a agressividade.

Abundam em nós a cólera, a maledicência, a ansiedade, a angústia, a contradição, a necessidade de poder, de prestígio, o exibicionismo.

O ciúme nasce quando alguém se interpõe entre nós e o objecto do nosso apego. Pode existir numa relação desfeita onde permanece o sentido de posse ou numa onde pensamos que o amor existe.

Para os dissiparmos temos de os escutar atentamente no seu todo, sem esforço ou repressão.

Se no instante em que me encolerizo, torno agressivo, invejoso ou egoísta, percepciono o facto de forma total, instantânea e imediata, sem quaisquer reservas, numa mera constatação não valorativa, tais estados dissipam-se, são destruídos.

A nossa mente não se tornará lúcida enquanto não percebermos integralmente que estes estados são obstáculos à tranquilidade.

Medo, ódio e ciúme, parecem ter uma maior resistência à destruição do que a inveja. Esta desvanece-se de imediato logo que percepcionada na sua totalidade.

&&&

O desejo é um movimento emocional que se apodera da mente de um sujeito por atracção de um determinado objecto. É mais do que necessidade, já que admite de modo constante mecanismos substitutivos e tem a avidez de não se deixar saciar.

É em essência infinito e mesmo os que apregoam a sua destruição, desejam: o Reino dos Céus, o Nirvana.

Quanto maior o progresso, maior o número de desejos. Quanto maior o número de desejos, maior o sofrimento, enquanto não se satisfazem e depois de satisfeitos.

Os anseios não permitem que a paz se instale no nosso interior.

Só estamos bem onde não estamos, só queremos o que não temos. Satisfeito um apetite, logo partimos para novas necessidades e assim sucessivamente, sempre com o coração alvoraçado.

Não se pode terminar com os desejos sem mais, reprimindo-os. Só a escuta passiva os pode fazer cessar. Alguns – *os afectivos* – são mais

prementes e quando têm uma componente orgânica, são extremamente insistentes.

Olho para uma mulher. Contemplo um rosto, lábios carnudos, olhos rasgados de longas pestanas, um sorriso aberto de dentes alvos contrastando com o negro dos cabelos, seios firmes, linhas onduladas e insinuantes de corpo em gracioso movimento.

Esta a resposta sensorial ao objecto da visão, o que é perfeitamente natural.

Depois entra em acção o pensamento. Imagino-me com ela, beijando-a, acariciando-a, consumando o acto.

É assim que floresce o desejo, impulso premente, em regra prazer originário da actividade mental.

Dizem que temos de nos libertar dele, controlando-o ou destruindo-o. Mas quanto maior o esforço nessa direcção mais o consolidamos. Vejam as inglórias práticas de sacerdotes e monges, que acabam por aniquilar a beleza, o amor, reforçando os pensamentos “obscenos” e favorecendo práticas “aberrantes”.

Há que escutar e compreender o desejo seja ele qual for, vê-lo nascer, crescer, sem o procurar dominar ou reprimir.

Observá-lo como quem observa um pôr-do-sol, uma flor, sem recurso a comparações, ao conteúdo da memória, ao pensamento.

Aí, ficamos de novo com a resposta sensorial de que falámos, com uma sensação intensa e apaixonada, onde não há ansiedade, ciúme, sentimento de perda ou dependência.

“Não tenho ambições nem desejos.
Ser poeta não é uma ambição minha.
É a minha maneira de estar sozinho”

Desejo e amor caminham de costas voltadas um para o outro.

Não ter ambições nem desejos é um modo de solidão e solidariedade.

Se morremos para o passado sem pretender a repetição de experiências agradáveis haverá júbilo nos nossos corações.

Apesar de insatisfeito já não desejo nada ou quando desejo não sei o que desejo.

Não busco nada e quando busco não sei o que busco.

&&&

O apego é a convicção de que sem certos bens ou pessoas seremos irremediavelmente infelizes. Resulta sempre em infelicidade, imediata ou diferida, logo após o prazer que proporciona.

Deriva de falsas premissas:

- A convicção de que a nossa felicidade depende de outrem;
- De que não podemos usufruir o seu objecto sem que estejamos intimamente dependentes;
- De que é insubstituível.

O apego é desejo firmado ou consolidado.

Uma determinada experiência com as suas respostas sensoriais leva ao desejo. Este ao prazer que se consolida em apego por via das sensações de segurança e de realização.

Mais tarde ou mais cedo surge a insatisfação, o tédio, com novas experiências, novos desejos e assim sucessivamente.

A um período de realização segue-se em regra, o ciúme, o sentimento de posse, a obsessão, o sofrimento, o desinteresse, o ódio.

A família e os bens materiais que possuímos, as crenças e a nossa vida são os mais perigosos e insistentes apegos.

Precisamos compreender a sua natureza contraditória. Numa das faces, o prazer, o júbilo, a paz, a segurança, o “amor”, na outra, a dor, a tristeza, a angústia, a insegurança, o medo, a inveja, o ciúme e o ódio.

Apego é corrupção no sentido mais profundo do termo. Ao percebermos a sua essência e significado, e o obstáculo que constitui para o nosso crescimento, abandoná-lo-emos numa indiferença afectiva.

Não os aceitemos nem os neguemos. Limitemo-nos a ser carinhosamente indiferentes. Esta indiferença não nos afastará do caminho que traçamos instante por instante. Somos livres para prosseguir como as aves que cruzam os céus, como o capitão dum navio sem rumo e destino no alto mar.

O sofrimento estrutura-se no apego.

Se o “eu”, o “meu”, a “minha” desaparecem, surge a libertação.

Purificar o espírito de apegos e aversões conduz à paz, ao Absoluto, ao Amor.

No momento em que se instala um desejo ou se consolida um apego, a sensibilidade extingue-se e a vida no seu aspecto integral, com a beleza de cada ser e coisa, morre.

Quando se destrói um apego, não se destrói o amor por determinada pessoa. Pelo contrário este pode crescer e ainda ficamos disponíveis para amar tudo e todos, sem dor ou insegurança.

Ou acedemos ao amor, ou ficamos com os nossos apegos. Ninguém pode amar se se mantém psicologicamente ligado, seja ao que for.

Sem apegos não temeremos morrer. Não teremos medo da vida, que fluirá como o rio de águas cristalinas para o oceano.

&&&

“Vive, dizes, no presente;
Vive só no presente.
Mas eu não quero o presente, quero a realidade;
Quero as coisas que existem, não o tempo que as mede.

O que é o presente?
É uma coisa relativa ao passado e ao futuro.
É uma coisa que existe em virtude de outras coisas existirem.
Eu quero só a realidade, as coisas sem presente.

Não quero incluir o tempo no meu esquema.
Não quero pensar nas coisas como presentes; quero pensar
nelas como coisas.
Não quero separá-las de si próprias tratando-as
por presentes.

Eu nem por reais as devia tratar,
Eu não as devia tratar por nada.

Eu devia vê-las, apenas vê-las;
Vê-las até não poder pensar nelas,
Vê-las sem tempo, nem espaço,
Ver podendo dispensar tudo menos o que se vê.

É esta a ciência de ver, que não é nenhuma.”

Há o tempo cronológico, o tempo medido pelos relógios. Há também o tempo psicológico, que é uma ilusão, que pactua com um qualquer vir a ser sem existência autónoma.

Por causa dele, vivemos no futuro, aguardando transformações, melhores oportunidades, uma vida sem dor. Mas a felicidade não é uma dádiva do tempo, antes do silêncio da mente que não é obtido gradualmente por intermédio de qualquer método. Esse silêncio é instantâneo, imediato, e é inimigo do tempo, porque o faz findar.

Nem todo o fenómeno tem causa. A causalidade participa do tempo. Na ausência deste, aquela inexistente e é perceptível a eternidade.

Eterno é o que dura desde sempre e perdurará até ao infinito, que é o que não tem limites.

É uma existência sem começo nem fim, infinitude do tempo linear ou curvo e cíclico. Se se quiser, a intemporalidade absoluta reconhecida no instante que não é passado, presente ou futuro.

Pela memória recuamos ao passado.

O eterno agora não é experimentado como o que passa, mas como algo que é desde sempre e o será no porvir.

Onde há silêncio não há passado, presente ou futuro, não há tempo. Na atenção não há tempo, mas um estado de acção altamente sensível na sua intemporalidade.

&&&

A nossa existência é enformada por múltiplos medos. Medo das doenças, da dor, da pobreza, de perder os entes queridos, de não ter prestígio, de não encontrar um sentido para a vida, medo de estar só, medo das multidões, de exames, de entrevistas, de não agradar, da guerra, de ter um acidente, de morrer e o medo do próprio medo.

Temos medo de perder o que temos e deixar de ser quem somos. Em bom rigor, não tememos o desconhecido, mas a perda do conhecido.

A aprendizagem acerca do medo é obtida através da auto-observação, não de estudos psicológicos ou das experiências pessoais de alguns.

Descobrir a causalidade não nos livra dele. Sabemos que reagimos de uma determinada forma a um certo objecto ou situação, mas a revelação do incidente traumático não resolve o problema, pode minimizá-lo por intermédio da racionalização, mas não o extingue.

Só a sua observação sem recurso ao pensamento o pode fazer cessar.

Temos de o escutar em todas as suas peculiaridades sem o comparar ou interpretar, alheios ao fenómeno do tempo.

O medo desabrocha no espaço que medeia entre o viver e o morrer e só tem existência nessa continuidade que é pensamento.

Onde não há pensamento, não há padecimento, não há medo, não há morte, antes um viver ágil e intenso que não tem móbil ou justificação.

Pensar nele é nutri-lo, fortalecê-lo, consolidá-lo, enquanto que a pura observação do seu curso o faz findar.

Há que o olhar em liberdade, sem a contaminação do pensamento e da memória, com as suas experiências passadas.

Observar o sofrimento, o medo, ou qualquer problema é fazê-lo cessar, e no seu findar está o Amor de amplo seio.

&&&

As nossas vidas estão vazias de paz e de amor e plenas de tormentos. Um sofrimento psicológico atroz que consome todas as nossas energias.

Onde há apego nasce o sofrimento. Onde há sofrimento não pode existir afeição e amor.

O sofrimento é causado pela actividade mental. O sofrimento é pensamento. Pensamento que julga ou compara.

Aquilo que é, não é fonte de prazer ou de dor. É apenas como o gato que dormita ao sol e a flor que recebe o orvalho matinal.

A ambição, a ânsia de prestígio, geram o sofrimento. Não nos deixam ser. Agitam-nos, inquietam-nos e impulsionam-nos para a contradição do vir a ser. Só aquele que é vive. O que quer ser algo fica enredado nas malhas da dor.

A paz não pode florir enquanto vicejarem os nossos condicionamentos. Somos o resultado de séculos de restrições e conceitualização ético-religiosa, da educação que recebemos, de normas sócio-jurídicas, das nossas experiências. Enquanto os condicionamentos não forem destruídos a felicidade não se pode manifestar, já que a existência daqueles é causa determinante do sofrimento psicológico.

Se escutarmos o penar em que estamos sem o comparar com factos passados, sem o interpretar, não o aceitando ou negando, acabará por desaparecer. O autoconhecimento dissipa-o.

Ouvir o sofrimento é levá-lo às últimas consequências, deixar que se manifeste na sua totalidade, não cerceando o seu movimento mental próprio, as questões e conclusões a que conduz.

Se lhe estivermos atentos, ou seja, se o olharmos integralmente em toda a sua complexidade sem que o pensamento se imiscua nessa atitude, percebemos que esse sofrimento é criado e sentido por nós, que não é diferente de nós, e sem que o queiramos reprimir, dominar ou controlar, ele cessa, surgindo a paz, o amor, a sabedoria.

É fundamental ouvi-lo, compreendendo a efemeridade da sua existência, que depende apenas do pensamento, suas manhas e artifícios.

Sejam quais forem as decepções a que formos sujeitos devemos saber morrer inteiramente para as mesmas. Para viver é necessário morrer. No renascer está a paixão, o amor.

Se o compreendo e o pensamento não sabe que observo a flor e suas pétalas rosadas, as folhas verdes salpicadas de orvalho, há tranquilidade.

Também a dor física deve ser cuidadosamente escutada sem que o pensamento interfira. O envolvimento psicológico com a sua intensidade, localização e desconforto apenas a fará agravar.

&&&

“O que é preciso é ser-se natural e calmo
Na felicidade ou na infelicidade,
Sentir como quem olha,
Pensar como quem anda,
E quando se vai morrer, lembrar-se de que o dia morre,
E que o poente é belo e é bela a noite que fica...
Assim é e assim seja...”

A alegria é uma emoção agradável, estado de satisfação mais ou menos duradouro. A felicidade tem uma permanência que a ultrapassa.

A felicidade não é a satisfação de todas as nossas inclinações. Estas, ou os desejos são infinitas.

A beatitude é um estado de felicidade em que qualquer perturbação não é inquietante, em que a sensação do indeterminado não é angustiante.

No êxtase não patológico, não há imobilidade e aniquilação das funções de relação.

Lembro-me com constância de um episódio ocorrido na Serra da Estrela, onde vivi durante duas dezenas de anos.

O Sol matutino ainda doirava as pedras graníticas e resplandecia na vegetação rasteira salpicada de orvalho. Conduzia com lentidão o veículo todo o terreno por um caminho de terra, a cerca de 1500 metros de altitude, dirigindo-me para a “Santinha”. A atmosfera estava extraordinariamente límpida, como consequência do pequeno nevão da noite anterior. A Nascente, sucediam-se até ao horizonte longínquas montanhas e serranias, num espectáculo deslumbrante, enquanto que a Poente, a terra chã se estendia languidamente até ao mar, oculto pela lonjura. Chegámos ao Malhão e o João Pestinha agitou-se, fez menção de sair do jipe. Parei o veículo e o meu amigo de quatro patas saltou imediatamente, começando a correr em linha recta, mas sem destino ou objectivo. As suas patas pareciam não tocar o solo, e os movimentos do seu corpo em harmonia perfeita com o meio envolvente, não eram deste mundo. Havia beleza e unidade, um sentimento de vastidão e plenitude que transcendia todo o conhecido. O êxtase foi-me comunicado, e com ele, uma viva e energizante percepção da realidade que parecia infindável.

Este mundo é um poço de infelicidade, de que a maior parte das vezes nem sequer temos consciência.

Estamos mergulhados na dor, ansiedade, desejos e medos que paradoxalmente temos perder por ser a única realidade que conhecemos.

Só conhecemos um tipo de paz: a que surge esporadicamente após desassossego emocional. E mesmo esta é relativa. Depois da tempestade o sentido da bonança é exaltado, na extinção total ou parcial da dor há um prazer sobrevalorizado.

Vivemos na ilusão de que necessitamos dos outros e da sua aprovação para sermos felizes. A felicidade não advém de qualquer relação, mas do nosso interior.

Está em nós. Procurá-la no meio envolvente é o mesmo que pescar num lago seco. As mudanças de situação e a satisfação dos desejos são panaceias temporárias.

Está no que sou, não no que tenho ou no que quero vir a ser. Somos quem somos, e se virmos quem somos a espiritualidade manifesta-se e inicia-se uma modificação radical e sem esforço do que é.

É bom viver sem mais. Não querer nada, não querer ser nada.

A ataraxia, tranquilidade do espírito, não deriva do conhecimento ou do esforço para atingir a sabedoria. Deriva da ausência de pensamento.

Há felicidade quando nos começamos a conhecer, quer superficialmente quer nas camadas mais profundas da consciência.

Não é por ter pensamentos felizes que somos felizes. A felicidade só existe quando não pensamos nisso.

Há uma verdadeira desventura no desejo de ser feliz.

Ter paz significa livrar a mente de todo o pensamento, conduzindo-a ao estado de consciência pura.

A paz que houver em ti transmite-se aos que te rodeiam.

“No dia em que se sentir feliz sem nenhuma razão aparente, no dia em que sentir prazer em tudo e em nada saberá que encontrou a terra da alegria interminável, chamada Reino” (Anthony de Mello).

&&&

O nosso cérebro está contaminado pela educação, religiões, autoridades políticas, administrativas e judiciárias, pelos conhecimentos que vamos acumulando na mira da perfeição. No entanto, não é ela visível no horizonte. Há apenas um mar de limitações na direcção da miragem do infinito. Como somos tolos e incapazes não obstante pisemos altivamente a rosa-dos-ventos na margem do rio, invocando descobrimentos, explorações, vitórias bélicas. A história da humanidade é um desfile de agressões, crueldades, mais guerras do que anos, hipocrisias, cinismo, falsa modéstia, autocaridade, corrupção, aproveitamento próprio, salpicada de breves e esporádicos momentos de verdadeira compaixão, em que alguns homens, raros como parece convir a este planeta de predadores, purificados da avidez, da inveja e da ambição, souberam na plenitude do auto-esquecimento espontâneo, derramar indiscriminada e gratuitamente o seu olhar nos outros.

Pelo cérebro reflectimos, reconhecemos o prazer e o sofrimento, a morte e a vida, vemos o mundo como um outro relativamente a nós, o que implica o reconhecimento de cada um como “eu”. Pelo cérebro, extorquimos, matamos, violamos, mentimos, enganamos. Pelo cérebro, damos esmolas, acarinhámos os necessitados. Pelo cérebro construímos hospitais, abrigos, tanques, bombas e escolas. Pelo cérebro estamos. Pelo cérebro somos; nós, apenas nós, inseguros, indefesos fóbicos de neuroses ancestrais. Por isso, somos isso, que nem isso é, por não sabermos quem somos. Só quando não somos, somos todas as coisas. Quando não somos, o embrião da vigilância estremece, desperta, fica alerta.

Esta vigilância passa pelo renascer dos sentidos para uma existência intensa, visão purificada das coisas, escutar límpido dos sons e do silêncio, na ausência possível do intelecto. Mesmo que a filosofia seja um acto de pesquisa desinteressada, liberto da tradição, de qualquer crença, de qualquer ideia e costume, não deixa de conter em si as limitações do seu único guia que é a razão e da própria matéria; o pensamento é matéria e nós transformamo-lo no que queremos, coisa horrenda ou bela, justa ou imoral, feliz ou sofrível, verdade ou não. O homem pode procurar a verdade para além das aparências, do estabelecido, mas quanto mais energia consome nessa busca, mais longe fica do objectivo. É como uma embarcação a navegar num planeta onde não haja em nenhum dos seus pontos terra ou algo que não seja oceano; nunca encontra destino, ainda que defina meticulosamente um rumo ou percorra todos os possíveis. Muitos são os candidatos a capitanearem esta nau pelas águas da desesperança, por

tormentos nunca sonhados, mas a ilusão aniquila a realidade e o desejo a verdade, que é só uma: não há caminho..., não há caminho...

“Sou fácil de definir.
Vi como um danado.
Amei as coisas sem sentimentalidade nenhuma.
Nunca tive um desejo que não pudesse realizar, porque nunca
ceguei.
Mesmo ouvir nunca foi para mim senão um acompanhamento
de ver.
Compreendi que as coisas são reais e todas diferentes umas
das outras;
Compreendi isto com os olhos, nunca com o pensamento.
Compreender isto com o pensamento seria achá-las todas
iguais.
Um dia deu-me o sono como a qualquer criança.
Fechei os olhos e dormi.
Além disso, fui o único poeta da Natureza.”

Será que o pensamento é mais excelente do que os sentidos? Será que os seus objectos são mais reais do que os da percepção?

Precisamos desenvolver os nossos sentidos. A audição e o tacto como se fossemos cegos, a visão como surdos, o olfacto, o paladar.

Têm de ser desenvolvidos no seu conjunto, como um todo, para poderem penetrar em profundidade o mundo interior e exterior.

Não há método ou regras para tal. O desenvolvimento é fruto duma contínua e cuidada observação e prática.

Sem excitação, melancolia, entusiasmo, numa indiferença contemplativa que não é apatia, os sentidos cumprem rigorosamente as funções para que estão destinados.

Quando se observa instantânea e apaixonadamente, o espaço-tempo entra em derrocada.

Quando não há pensamento e os sentidos estão plenamente actuantes, há beleza, cuja essência íntima não admite contraste.

Os sentidos precedem o intelecto. “Nada está no intelecto que não tenha estado primeiro nos sentidos, a não ser o próprio intelecto”.

É essencial terminar com todos os hábitos que afectam o corpo e entorpecem os sentidos. Não devemos permitir que o pensamento exerça sobre estes uma acção obnubiladora.

Se os sentidos estão plenamente actuantes e o cérebro atingiu a quietude pela consciência de si próprio, a observação é clara e límpida; não deturpa ou distorce a realidade.

O pedaço de corda é real, mas a serpente que vemos ao crepúsculo no seu lugar é irreal.

Para além do pensamento devemos escutar as sensações que provêm do mundo exterior, as impressões sensoriais resultantes das funções vegetativas e os murmúrios do corpo: a dor de cabeça, a impressão no estômago, a taquicardia que se instala, a ansiedade que se aloja no plexo solar.

A sensação deriva de uma excitação fisiológica.

A sensibilidade é em definição corrente, a capacidade do sistema nervoso em receber impressões do exterior, podendo ou não reagir-lhes.

&&&

“O que nós vemos das coisas são as coisas.
Porque veríamos nós uma coisa se houvesse outra?
Porque é que ver e ouvir seria iludirmo-nos
Se ver e ouvir são ver e ouvir?

O essencial é saber ver,
Saber ver sem estar a pensar,
Saber ver quando se vê,
E nem pensar quando se vê,
Nem ver quando se pensa.

Mas isso (triste de nós que trazemos a alma vestida!),
Isso exige um estudo profundo,
Uma aprendizagem de desaprender
E uma sequestração na liberdade daquele convento
De que os poetas dizem que as estrelas são as freiras eternas
E as flores as penitentes convites de um só dia,
Mas onde afinal as estrelas não são senão estrelas
Nem as flores senão flores,

Sendo por isso que lhes chamamos estrelas e flores.”

O nosso cérebro encontra-se permanentemente ocupado. Quando trabalhamos ou estudamos, o que é perfeitamente natural, e nos momentos de lazer, com projecções, fantasias, medos, sentimentos negativos e mesquinhos.

Quando estamos livres psicologicamente, com o cérebro desimpedido de compulsões e pensamentos parasitas relativos ao passado ou ao futuro, vemos a realidade, o que ocorre momento a momento. E dessa liberdade, desse não pensar surge a beleza.

Precisamos de um cérebro lúcido, vivo. Para isso concorre a observação com o concomitante desenvolvimento dos sentidos, a percepção não interpretativa do desespero, da angústia, do desejo, em suma do sofrimento.

A percepção situa-se entre a sensação e o conhecimento. Saio à rua no Inverno com temperatura negativa e ventos fortes. Tenho a imediata sensação do frio. A esta sucede-se a percepção do facto de que tenho frio. Depois vem o conhecimento de que estou na Estação mais fria do ano, que os cumes da serra estão gelados, e como tal, o ar frio desce à terra chã, onde os ventos vindos de Espanha fazem o frio parecer mais frio.

Observação não é contemplação, entendida como capacidade de provocar o esquecimento da individualidade e do mundo, por efeito da absorção continuada e diligente do espírito no seu objecto.

Quando vemos alguém ou alguma coisa, memorizamos essa imagem, normalmente carregada de juízos de valor ou desvalor.

O pinheiro do meu jardim é alto, imponente, com um tronco grosso e bem torneado. A casa, a mulher, os filhos, os conhecidos, tudo o que tocamos, de todos formamos imagens. Passo pelo pinheiro, olho a minha casa, a minha mulher, já não os vejo como são nesse preciso momento, mas antes a imagem que deles tenho ainda que ligeiramente alterada por qualquer circunstância chamativa.

Olhar as coisas, recorrendo mentalmente a comparações, inviabiliza a contemplação.

“Ser uma coisa é não ser susceptível de interpretação.”

A lagoa que agora observo tem o seu ser próprio independente de todas as outras que conheço. Para a contemplar plenamente tenho de morrer para as imagens que dela retive noutros momentos e para as de

outras lagoas que porventura já tenha visto, porque é nova, sempre nova, a cada instante.

Se pretendermos reter em memória o prazer do que vemos, escutamos, sentimos, acabamos por multiplicar os desejos. A vontade de repetir um prazer gera ansiedade, sofrimento.

Quando damos nome a uma coisa, não a definimos, muito menos descortinamos a sua essência, que é o que faz que um ser ou objecto sejam uma coisa e não outra diversa ou semelhante.

As palavras não são as coisas. Porventura, não terão um significado, mas vários usos.

A palavra rotula o que vemos e faz com que os acontecimentos e circunstâncias da vida quotidiana não sejam originais e extraordinários. Ver não é formar juízos ou opiniões, analisar, imaginar ou interpretar; ver é observar sem que se recorra ao pensamento destruidor, é galgar as barreiras do espaço-tempo de um modo espontâneo e instantâneo, que nunca se reitera para que o novel possa florir e frutificar em cada momento.

A observação é pura percepção e exclui qualquer tipo de raciocínio, análise ou dedução lógica. Exclui a “visão” que se estrutura num sistema filosófico, numa crença, em experiências passadas, pressupõe liberdade e inocência, morte e renascimento, é acção imediata.

Quando interpretamos o que vemos, deixamos de ver o que é, para vermos o que os nossos condicionamentos e experiências passadas querem ou permitem ver. Em vez do novo, observamos o velho modificado.

No ver somente, na percepção pura que não envolve o pensamento, não há continuidade. Na inexistência desta, não há sofrimento, há amor.

Ver alguém ou alguma coisa no momento presente é morrer para todas as ideias e imagens que possamos ter guardado em memória referentes a esse alguém ou coisa.

É não contagiar o objecto da visão.

Morrer para o passado é também morrer para os sentimentos de culpa, para a vergonha de actos pretéritos, para os medos e ilusões.

É começar sempre de novo, imaculadamente.

A aprendizagem psicológica não passa pelo estudo de livros, pela troca de conhecimentos, mas pela observação dos nossos pensamentos e acções.

Não é isso que fazemos. Somos cidadãos de segunda sempre dispostos a redizer, a citar as autoridades na matéria, incapazes de aprender a partir do nosso espírito.

Não nos esforçamos seriamente viajando no mais recôndito do nosso ser. Aproveitamos as viagens dos outros, que na maior parte das vezes se limitaram a viajar em viagens alheias e assim sucessivamente.

Quando observamos o pensamento e o seu movimento, numa vigilância passiva, sem condenar, justificar, interpretar, sem fugir dele recalçando-o ou sublimando-o, este tende a parar.

E, nesse estado de escuta passiva, se observamos o que nos rodeia, sem a sua contaminação, transcendemos o espaço-tempo, porque só existe o instante, o agora.

É o pensamento que cria o “eu”. Sem pensamento não há pensador, observador, só a coisa observada na sua pureza incontaminada.

Na observação pura e simples do que é, não há lugar para a ambição, para o vir a ser.

A observação da vida é feita de forma global, porque ela é uma e indivisível.

A observação parcial, que é concentração, distorce a realidade, distorce a sua essência e vitalidade e induz-nos em erro.

&&&

“O meu olhar é nítido como um girassol.
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para a esquerda,
E de vez em quando olhando para trás...
E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
E eu sei dar por isso muito bem...
Sei ter o pasmo essencial
Que tem uma criança se, ao nascer,
Reparasse que nascera deveras...
Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do Mundo...”

Estar atento é estar com o que é, compreendendo a realidade sempre nova, sem recurso ao pensamento.

Atenção, no sentido que lhe damos, não é concentração que incide sobre um objecto, pessoa ou coisa. Não é percepção tendente ao conhecimento do particular.

Intuir, é perceber de imediato a essência das coisas que nos são exteriores ou que constituem o conteúdo da consciência.

Despidos de imagens, preconceitos, ideias, podemos experimentar e entender o novo.

Quando há atenção, não há eu, nem o outro, não há observador e objecto observado, porque o pensamento se dissipa.

Se realmente atentos, o pensamento cessa.

Observamos um milhafre na sua caçada implacável, o voo gracioso de uma ave, o olhar terno de uma criança, a passagem de um combóio na gare, um deslumbrante pôr-do-sol e ficamos apenas com o facto. Compreendemos o que se está a passar imediatamente. Não há pensamento, mas compreendemos. O cérebro está tranquilo, sem tagarelar, pleno de energia, e entende sem pensar.

O mesmo se passa com qualquer problema. O entendimento é libertador.

Concentração é esforço dirigido. É a tentativa de aquietar a mente com as suas inúmeras tagarelices, pela repressão e pela violência.

É conflito, na medida em que tentamos iludir a distração que retorna sempre, de forma mais ou menos insistente.

Estar atento, ao contrário, não é esforçar-se nem usar desnecessariamente a memória, esgotando o cérebro, extirpando-lhe a vitalidade e energia tão necessárias à existência quotidiana. É poisar a mente, os sentidos sobre nós e tudo o que nos circunda, é vigilância passiva integral.

Na atenção há liberdade. Não há juízos ou predeterminações acerca de nós ou dos outros. Há quietude, pois o pensamento tende a parar espontaneamente.

Não há um método para se ficar atento.

É um intenso saber olhar, escutar, sentir, que se constrói imperceptivelmente, jornada após jornada.

Vou no combóio. Estou atento às sensações corporais, à conversa dos passageiros ao meu lado e ao rumor da fala dos mais afastados, ao ruído das rodas que deslizam nos carris, ao deslocamento do vento. Vejo as hortas, as árvores, os túneis, as casas, as pessoas e seu afã, a névoa que abraça os vales, os animais que pastam. Estou sensível aos balanços e

impressões que corporalmente me causam, à alteração dos sons, ao apito, aos múltiplos verdes e ocres, às nuvens escuras no céu, às gotas de chuva na janela. Observo as expressões dos outros viajantes e os meus pensamentos quando surgem.

Que quietude advém de tudo isto.

E quanto maior a atenção, maior a quietude.

&&&

Meditar não é cumprir um programa espiritual, não se compadece com retiros, não tem horas marcadas. Não é um procedimento racional que visa atingir uma verdade específica. É atenção global e constante de todas as ocasiões sejam elas quais forem.

Implica solidão, a libertação do conhecido, a extinção da dor, para que o novo, o desconhecido surja.

As disciplinas meditacionais são torturantes e como todo o esforço para vir a ser, só produzem mais dor, mais inquietude, insatisfação e insegurança.

A actividade ascética, como modo de renúncia e supressão dos nossos instintos e desejos, austeridade forçada pela vontade, é perniciosa, destruindo o espírito, a beleza e o amor.

A meditação começa com o autoconhecimento. Temos de observar todos os nossos pensamentos, emoções, sentimentos. Esta vigilância levará ao silêncio. Neste, o inconsciente projecta sugestões, carências, o que conduz ao conhecimento do indivíduo na sua integralidade.

Para além de pressupor autoconhecimento, pressupõe também isenção de condicionamentos. A observação do pensamento, de todos os seus subtis movimentos e de tudo o que nos rodeia, sem comparação ou julgamento.

Não implica controlo, mas atenção, que não desvirtua a realidade do que é observado.

Meditar é ver, ouvir, sentir, cheirar, saborear as coisas como elas são. Meditar é atenção global, não é concentração, fruto de exercícios mentais obnubiladores.

Ouçó o canto dos pássaros, o vento na vegetação, a água corrente, os que me falam, vejo as nuvens no céu, o despontar do Sol, o brilho das pedras humedecidas pelo orvalho da manhã, os rostos dos camponeses. Observo os meus pensamentos e toda a minha consciência descendo até aos mais recônditos e obscuros lugares. Saboreio os frutos e demais alimentos, inalo os mais variados aromas.

Sentir o vento, a chuva e o sol no rosto e nas espáduas no seio da natureza sem o alvoroço do raciocínio é meditação.

Tudo de uma vez só, de forma total, como a própria vida.

Com esta atenção vigilante, que é sensibilidade à existência, o pensamento silencia-se.

Não é fácil observar continuamente.

A meditação é a única coisa que vale a pena se é com ela que termina o sofrimento.

A morte psicológica é uma experiência fantástica. E o renascer algo de mais fantástico ainda.

Quando meditamos, a ausência da sucessão de pensamentos libera uma imensa energia explosiva e criadora porque não está alicerçada no passado.

As forças do universo concentram-se no silêncio quando o pensamento cessa. Uma existência sem causalidade ou propósito, identificando-se com a do próprio cosmos.

É pela meditação, pela observação pura e simples, que podemos descobrir o que está para além do pensamento, do espaço-tempo. É o único modo.

A razão só tem tornado complexo o que é simples ao amontoar século a século teorias e doutrinas contraditórias e paradoxais.

&&&

A paixão pressupõe uma mente quieta, atenta e sensível, vigorosamente sensível a tudo o que a rodeia.

É sensibilidade e intensa afeição que não se apega nem tem qualquer motivação particular.

É com paixão que temos de ver o rosto dos transeuntes, a beleza dum vale verdejante, de uma árvore, de uma flor, uma rua suja na cidade grande.

Paixão e amor caminham de mãos dadas, ausentes do pensamento.

&&&

Há momentos da nossa existência, em que a contemplação de um pico nevado, de uma torrente de águas cristalinas, de um rosto de criança produz a ausência do “eu”.

Nesse estado de quietude onde se transcende o conhecido para absorver o sempre novo, há sensibilidade, beleza.

Para que esta se manifeste não podemos existir como individualidade.

O “eu” é um agente infeccioso, uma doença que se transmite ao que observamos contaminando a sua essência.

Quando olhamos uma árvore, uma flor, sem a presença do “eu”, libertamo-nos das teias do espaço-tempo e penetramos na eternidade.

A vida é beleza e amor. Não tem sentido, finalidade. Tem de ser vivida instante a instante, em absoluta plenitude.

Recalcar ou sublimar os desejos é negar a beleza.

Se mantivermos uma ligação íntima com a natureza, percebemos que o poente real ou o brilho da Lua dispensam qualquer obra de arte produto do pensamento por mais valiosa e bem executada que seja.

Chove lá fora. O vento com rajadas violentas fustiga as portadas, transportando as gotas de chuva a uma velocidade impressionante. O som do embate é um crepitar metálico.

A intensidade da tempestade varia. As previsões são más, os serviços meteorológicos e a protecção civil advertem para uma madrugada de tormenta.

Não ouço o vento e a chuva, nem vejo a beleza do temporal. O meu pensamento absorve-me. Receio que a água inunde o sótão, que qualquer objecto impulsionado pelos ares parta as vidraças, que as telhas possam ser arrancadas. Temo a calamidade, a destruição parcial da casa.

Cada rajada é uma aflição, cada bâtega de água é angustiante.

Este medo que não é verdadeiramente real, que é pensamento, não me permite observar a tempestade tal qual é.

Ao perceber o mecanismo do pensamento, o cérebro silenciou e o vento e a chuva deixaram gradualmente de ser temor e ansiedade para serem chuva e vento em toda a sua plenitude e beleza.

Na mais frágil das flores, está o poder e energia, a beleza e o amor, de todo o universo.

Não pode haver beleza onde há padecimento psicológico ou medo.
Para que haja beleza o pensamento tem de findar.

&&&

“Eu não tenho filosofia: tenho sentido...
Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é,
Mas porque a amo, e amo-a por isso,
Porque quem ama nunca sabe o que ama
Nem sabe porque ama, nem o que é amar...”

Amar é a eterna inocência,
E a única inocência é não pensar...”

São tantos os sentimentos para que a palavra amor remete, que acabamos por nos perder: paternal, filial, matrimonial, à pátria, próprio, do próximo, sexual...

O amor é sensibilidade e paixão, que incide sobre pessoas e coisas, observadas como são, indiscriminadamente, de forma espontânea e gratuita.

Não é exclusão.

É uma benção derramada sobre a totalidade da vida, nascida do silêncio, sem os limites do espaço-tempo.

É ser feliz, mesmo sem o concurso dos outros.

Liberta-os para que sejam quem querem ser, para serem quem são.

Liberta-te para seres quem és.

Ama e sê quem és. O amor dispensa os preceitos éticos.

O amor e a paz estão em nós. De nada serve procurá-los no exterior. Se removermos tudo o que não é amor e paz, estes manifestar-se-ão.

Na ausência do amor há sofrimento.

Quando o pensamento termina, o sofrimento cessa e aparece o amor, aquele estado indescritível que nada pede ou exige.

Uma mente pacífica, isenta de pensamentos, é o substracto do amor, que tal como o Absoluto não pode ser procurado.

A nossa civilização criou conceitos irreais e ilusórios de amor, fruto da actividade mental. Nesta perspectiva ele é prazer, desejo, medo, ódio, ciúme, posse, ambição, apego, dominação, uma longa e pesada cadeia de argolas de aço que em vez de unir, dividem. É a angústia, o iminente sentimento de perda da aquisição passageira. É triste e contente, extasiante e depressivo, riso e lágrimas, memória do bom e do mau, do agradável e do desagradável. Na maior parte das vezes, dor psicológica.

Diz-se que os que amam perdoam. Para que haja perdão tem de haver ressentimento e este é incompatível com o amor. Logo, o perdão não pode ser uma faceta do amor, porque onde não há doença não há necessidade de cura.

O amor, que é espontâneo, gratuito, indiscriminado, que não tem qualquer motivo, que não é desejo ou prazer fruto do pensamento, não pode coexistir com o sofrimento. Onde há sofrimento, não está a verdade, a beleza e o amor, que não é supremo ou terreno – *mais uma das múltiplas divisões da mente*.

Se procurarmos o amor, não o encontraremos. A procura transforma-se em impaciência, inquietude, insatisfação e ansiedade, que são barreiras ao objectivo proposto.

Temos de observar tudo o que não é amor, o ciúme, o ódio, a ambição, os apegos, e por esta via provocar sem esforço a extinção destes estados negativos.

Para atingirmos a paz e o amor temos de compreender totalmente o sofrimento psicológico e o medo.

Quer a paz quer o amor, são estados indefiníveis, espontâneos e gratuitos, que nascem da dissolução de tudo o que a eles se opõe.

Derramar um olhar límpido sobre as coisas, como quem afaga os caracóis de uma criança, ver o já visto como se nunca o tivesse visto, escutar a sinfonia da vida como um recém-nascido, é inocência, amor que desconhece o objecto e o próprio amar. É um sorriso amplo, inefável e contente, inconsciente da felicidade e do gesto que o manifesta.

Da quietude da mente nasce o amor.

Por vezes, basta-nos olhar a face de uma criança, de uma mulher, o sofrimento de um moribundo, o pôr-do-sol, as águas azuis do oceano, a forma e o colorido das nuvens no céu, o animal que acariciamos.

O amor deve existir sem contrapartida.

Uma árvore, um animal, um rosto, um corpo. O acto sexual não é em regra amor. E, não o é, enquanto fruto do desejo, que é continuidade, pensamento. O sexo é sensibilidade, no sentido de sensualidade. É prazer.

Pode e não ser amor. Pensar nele é volúpia, sensualidade. Praticá-lo de forma espontânea, intensamente, com paixão, no esquecimento de si como individualidade e na plenitude do infinito e da eternidade dum cérebro silencioso, é amor.

Transformámos o sexo num problema imenso. No entanto, o problema não reside propriamente no acto, mas no pensamento que o alimenta.

Onde há pensamento não pode haver amor e neste não há dualidade, há liberdade e comunhão com o objecto amado.

O amor não é prazer, nem sofrimento, não é pensamento. É um sentir intenso, apaixonado, sem pretensões. Nele não há posse, domínio ou contrapartida.

Há a acção que é cessação da inércia, com o conseqüente dispêndio de energia. Mas há uma acção, que não envolve tal dispêndio. É a que decorre da quietude da mente.

A acção praticada com amor, gratuitamente, sem outra determinação que não a sua realização, tem uma energia tal, que nos permite e quase impõe, a sua conversão numa lei universal. Talvez a única a erigir como solitário princípio de uma ética cósmica.

Morte e amor estão interminavelmente ligados. Morrendo para o passado, nascemos para a vida eterna.

“O amor é forte como a morte”.

Para amar temos de morrer para as impressões e imagens que armazenámos na mente.

&&&

“É talvez o último dia da minha vida.
Saudei o Sol, levantando a mão direita,
Mas não o saudei, dizendo-lhe adeus,
Fiz sinal de gostar de o ver antes: mais nada.”

Não tememos a morte. Tememos sim, perder o que temos e deixar de ser quem somos. Não é o desconhecido que nos amedronta, mas a perda do conhecido.

Não queremos morrer. Queremos atingir Deus, o topo da carreira profissional, a paz, mais prazer, um estado de felicidade estável, ver os filhos criados, os nossos em segurança. Não queremos perder a individualidade, ver o *ego* ser sujeito à extinção.

Numa perspectiva meramente materialista, a morte acarreta o aniquilamento da individualidade, mas não forçosamente, da matéria corporal que se dissolve, transforma e regenera, em novos ciclos vitais.

A maior parte do mundo vive negando-a ou por ela aterrorizado. No entanto, tudo caminha nessa direcção, a maior das certezas.

O ser humano confrontado com a sua morte, recusa-a, revolta-se, faz acordos absurdos com Deus, deprime-se, aceita-a...

Teme a dor física crescente, o sofrimento psicológico, a indignidade, a separação do seu universo afectivo e material. Pede prazo para dar à vida um sentido que desconhece e que nunca cumpriu ou tentou cumprir.

A observação do que é, dum problema, do desejo, do sofrimento, do medo da morte, faz com que deixem de existir.

Os mortos não choram, são os sobreviventes que os choram ou se choram a si mesmos.

A morte não existe para o ribeiro de montanha que seca no Verão quente quando já não há neve para o alimentar.

As águas correm continuamente para o oceano e deste para os céus e dos céus para os montes e vales e para elas não há morte porque se limitam a ser, a fluir.

O sono profundo é uma morte temporária. A morte um sono prolongado que mergulha no nada absoluto.

Quando o sangue deixa de correr no corpo e o cérebro se cala definitivamente, o conhecido acaba e começa o novo.

A vida renova-se com a morte.

Para viver precisamos morrer.

Morte e vida são a mesma face da mesma moeda.

Quando morremos para o conteúdo da memória, para o passado, para os nossos pensamentos, em suma, para o “eu”, somos introduzidos na criação e renovação, no mistério da morte.

Se de instante a instante morremos para os acontecimentos quotidianos, para o ódio, o ciúme, e outros estados negativos, para o prazer e o sofrimento, para os problemas que nos afligem, para o que contemplamos, estaremos em contacto directo com a morte.

Com a cessação do pensamento há purificação, alegria, inocência. A morte do velho traz o júbilo do inesperado. Para além da morte está o sempre novo.

A alma é uma criação do pensamento. Para os pensadores antigos a alma era invisível e constituída por uma matéria subtil, podendo emergir ou ser destacada para a matéria viva a partir de uma determinada complexidade. A sua imortalidade seria uma participação *post mortem* na eternidade.

O produto do limitado ou é ilusão ou é inevitavelmente limitado.

O pensamento condicionado pelo espaço-tempo não pode perscrutar o infinito, o intemporal, não pode sondar o desconhecido, o impermanente.

Diz-se que a questão das questões do universo se prende com a existência de Deus.

Mas, a verdadeira e interessada questão para o homem tem que ver com a eventual existência da “vida” para além da morte, porque a primeira não responde a esta, referindo-se à possível imortalidade da alma.

Da alma do ser humano, já que somos demasiado egoístas para nos preocuparmos com os animais e com as suas também hipotéticas almas.

Suicídio é o acto voluntário pelo qual o ser humano põe termo à sua vida. A apreciação moral e ética deste, varia em função do tempo e espaço.

Existem e existiram ordenamentos jurídicos em que a tentativa de suicídio é e era punida pelo direito criminal.

Este é um problema que respeita à liberdade individual. Se um ser humano considera intolerável o sofrimento físico ou psicológico a que está sujeito, não tendo quaisquer esperanças de alterar o rumo dos acontecimentos, e decide abandonar esta vida, não há juízo de valor que legitimamente possa censurar aquela liberdade.

Repugna-me matar um animal. Repugna-me matar um ser humano, bem como a pena de morte. Fazer sofrer qualquer ser.

Por isso também me repugna deixar sofrer horrivelmente qualquer entidade viva, o próprio homem, em estado terminal, sem esperança de cura ou alívio.

Não se trata de um crime, antes dum dever, de um verdadeiro acto de amor, de pura não-violência.

&&&

“Criar é seguir o movimento da incognoscível essência do todo.”
(Krishnamurti).

No sentido que lhe damos, é mais do que produção inventiva nos domínios artístico, literário ou filosófico.

A criação só existe na liberdade integral, quando se está livre de tudo, até da própria busca dessa liberdade.

Quando não criamos, nem queremos criar, desponta a criação com toda a sua força e exuberância.

Para que haja criação, tem de haver liberdade de tudo o que nos condiciona, de tudo o que nos prende a concepções, dogmas, teorias, ambições e competição.

A criação no verdadeiro sentido da palavra tem a sua origem no novo. Não define a personalidade e carácter do criador, a sua “escola” ou grupo a que pertence ou qualquer motivação lucrativa.

A criação do novo pressupõe a inexistência de condicionamentos e de motivações externas ao acto de criar.

Pintar um quadro, compor uma peça musical ou executar uma escultura, nesta perspectiva, não é exprimir o conteúdo da nossa personalidade, nem actividade psicológica compensatória de qualquer complexo de inferioridade, necessidade de agradar, busca da sobrevivência ou enriquecimento. É explosão de liberdade, é inocência.

&&&

“Sejamos simples e calmos,
Como os regatos e as árvores,
E Deus amar-nos-á fazendo de nós
Belos como as árvores e os regatos,
E dar-nos-á verdor na sua Primavera,
E um rio aonde ir ter quando acabemos!...”

Ao homem primitivo assustavam-no os fenómenos naturais, o aparecimento em sonhos dos antepassados falecidos, as inquietações para que não tinha qualquer resposta, em especial para a morte.

O medo levou-o a criar deuses que justificou com revelações imemoriais. Com eles o pensamento instituiu as crenças na reencarnação e na ressurreição, qual delas a mais ilógica e desesperada.

No entanto, é possível e plausível, que a primeira ideia dos povos ancestrais quanto à existência de um ser superior tenha recaído numa entidade do “mal”, um “diabo”, agressivo e punitivo, de poder temível. Poder este, que depois viria a ser atribuído a deus, de modo qualitativa e quantitativamente superior, de forma a que este pudesse derrotar aquele e pela súplica as nossas aflições e padecimentos.

O homem sofre, angustia-se, tem medo, sentimentos de culpa e simultaneamente quer ser o centro do universo. Por isso criou deuses, a maioria pessoais. Falsos e limitados como o pensamento e como convém a mentes estreitas, condicionadas e envelhecidas, mentes que pedem, imploram, oferecem bens e sacrifícios em troca de favores. Já Platão se referia pejorativamente a todos os que consideravam de forma aberrante, que deus pudesse ser propiciado com dádivas e ofertas; a divindade estaria assim, a par dos cães que ludibriados e amansados com alimentos de boa qualidade, deixavam depredar os rebanhos e abaixo dos homens comuns, que seriam incapazes de atrair a justiça, por via de presentes oferecidos com intenção delituosa – *no tempo de Platão, ao que parece, os homens comuns eram a regra da dignidade e verticalidade.*

As religiões nascem ou de antigas tradições, que vão sendo aperfeiçoadas no seu conteúdo teológico ou até de um simples acaso, como ocorreu com o cristianismo.

Quando Jesus nasceu, a denominada Terra Santa estava sob o domínio romano. O Império, numa atitude de inteligente condescendência, permitia que as populações dos territórios ocupados mantivessem alguma autonomia, quer a nível religioso quer político, amenizando assim, o espírito de revolta inerente a todas as situações que envolvem a perda de soberania e conseqüente descaracterização de valores e costumes próprios dos subjugados. Herodes, o Grande, governava a Palestina, com a anuência e vigilância do Imperador romano. Quando morreu, o reino foi dividido pelos seus três filhos, Arquelau, Herodes Antipas e Filipe. O primeiro governou a Edumeia, a Judeia e a Samaria. O segundo, a Galileia e a Pereia. O último, a Transjordânia. Arquelau incompatibilizou-se com o Império, ao que os seus territórios passaram a ser governados por um procurador romano. Por isso, encontramos Pôncio Pilatos em Jerusalém aquando da morte de Jesus. Até aos dias de hoje, foi de todo impossível estabelecer a sua data de nascimento; possivelmente nasceu entre três e sete anos antes da nossa era.

Segundo Mateus, Maria concebeu e deu à luz Jesus, sem que José a tivesse “conhecido” (Mt 1,25). O seu nascimento teria ocorrido em Belém da Judeia, no tempo do rei Herodes (Mt 2,1), que ao que parece terá falecido no ano quarto a.C. Avisados de que este pretendia matar o menino, fugiram para o Egipto, onde permaneceram durante algum tempo (Mt 2,13-15). Morto Herodes, o Grande, terão retornado à terra de Israel, porém, José teve conhecimento, que Arquelau reinava na Judeia em lugar de seu pai, e tendo medo retirou-se para a região da Galileia, indo morar numa cidade chamada Nazaré (Mt 2,19-23).

A partir daqui, Lucas refere que o Menino crescia e robustecia-Se, enchendo-Se de sabedoria, e a graça de Deus estava com Ele, narrando o

episódio do templo, quando tinha doze anos e estarecera os doutores com as suas perguntas e respostas (Lc 2,40-51). Daqui, até ao início do seu ministério apenas se conhecem as palavras de Lucas. “E Jesus crescia em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e dos homens” (Lc 2,52).

Qual foi a educação de Jesus até aos doze anos? Na Índia, com os Essénios em Qumran, com algum mestre desconhecido ou com os seus pais denotando uma sabedoria inata e precoce? E onde é que esteve entre os doze e os trinta anos? Na Índia ou entre os Essénios? Desenvolvendo individualmente as suas capacidades? São múltiplas as hipóteses com milhares de obras e milhões de páginas gastas com um problema insolúvel. A verdade é que o Jesus histórico, a sua personalidade e ensinamentos, ter-se-ão perdido no vazio dos tempos. Em bom rigor, os primeiros textos sobre a sua vida só terão sido escritos – *excepcionando-se as cartas de Paulo, a que nos iremos referir em momento posterior* – dezenas de anos após a sua crucificação – *entre os anos 70 e 100* –, e é de todo injustificável a construção de doutrinas, algumas absolutamente aberrantes, desprovidas da menor consistência histórica e lógica, que apenas têm como intuito a venda de “livros da moda”. Nunca se escreveu tanto na história da humanidade sobre alguém de que se sabe tão pouco.

Para o conhecimento da vida de Jesus, contamos essencialmente com os quatro Evangelhos canónicos do Novo Testamento – *atribuídos a Mateus, Marcos, Lucas e João* –, muito especialmente no período que vai do início do seu ministério até à eventual ressurreição, e dos apócrifos – *que foram rejeitados pela Igreja e como tal não são considerados livros sagrados* –, sem olvidar os “Actos dos Apóstolos”, atribuídos a Lucas. Os três primeiros Evangelhos dizem-se sinópticos, pelo paralelismo ou visão de conjunto que se torna possível estabelecer entre eles.

O ministério de Jesus tem como antecâmara a pregação de João Baptista no deserto da Judeia, dizendo “Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus” (Mt 3, 1-3). Então, Jesus que deveria ter cerca de trinta anos, veio ter com ele para ser baptizado (Mt 3, 13). Após a prisão de João, Jesus retirou-se para a Galileia, tendo ido habitar em Cafarnaúm, começando a pregar a partir deste momento (Mt 4, 12-17).

Depois de iniciar o seu ministério, começou Jesus a percorrer toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, curando o povo de todas as doenças. “A Sua fama estendeu-se por toda a Síria e trouxeram-Lhe todos os que sofriam de qualquer mal, os que padeciam de males e tormentos, os endemoninhados, os lunáticos e os paralíticos; e Ele a todos curou.

Seguiram-nO grandes multidões, vindas da Galileia, da Decápole, de Jerusalém, da Judeia e de além do Jordão” (Mt 4, 23-25).

Os Evangelhos referem constantemente o facto de Jesus ser seguido por grandes multidões e a realização de inúmeros e fantásticos milagres nos lugares por onde andou, à excepção de Nazaré, por causa da falta de fé da

sua gente – *“Um profeta só é desprezado na sua pátria e em sua casa”* . Este facto faz com que estranhemos sobremaneira a atitude dos investigadores da época de Jesus. A anuência das multidões à sua palavra e a realização de curas verdadeiramente milagrosas, não poderiam passar despercebidas a inúmeros historiadores, tais como, Suetónio (65-135) e Plínio, o Jovem (61-114) – *que se referem à seita dos cristãos, mas nada escrevem sobre Jesus* –, a Flávio Josefo, autor de uma obra denominada “Antiguidades Judaicas”, publicada por volta do ano 90 – *onde refere Herodes, João Baptista e Pôncio Pilatos, mas também nada escreve sobre Jesus*. Dois contemporâneos de Jesus, também não escrevem nada sobre a sua vida e obra: Fílon de Alexandria, e o mais estranho, Justo, que viveu em Tiberíades, nas proximidades de Cafarnaúm – *onde Jesus terá arrastado multidões e realizado inúmeros milagres, como Mateus mencionou e já referimos supra*. Apenas Tácito (55-120), refere um homem de nome Cristo, crucificado no tempo do imperador Tibério, pelo governador Pôncio Pilatos.

Se os Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas, se aproximam da verdade histórica, então Jesus tinha medo da morte: “ (...) Jesus chegou com eles a um lugar chamado Getsemani e disse aos discípulos: «Ficai aqui, enquanto Eu vou além orar». E, levando consigo Pedro e os dois filhos de Zebedeu, começou a entristecer-Se e a angustiar-Se. Disse-lhes então: «A Minha alma está numa tristeza de morte; ficai aqui e vigiai Comigo». E, adiantando-Se um pouco mais, caíu com a face por terra, orando e dizendo: «Meu Pai, se é possível, passe de Mim este cálice; todavia, não seja como Eu quero, mas, como Tu queres» (Mt 26,36-39) – *veja-se Marcos 14,32-37 e Lucas 22,39-45*. Tudo nos leva a crer que Jesus não pretendia morrer, que esse não era o seu desígnio e vontade.

Jesus foi condenado à morte por crucificação. Esta forma de pena era brutal, pela duração da agonia e pela dor que causava, não estando destinada aos cidadãos romanos, mas tão-somente aos “criminosos” dos povos dominados. Com ela, pretendia o império aterrorizar os rebeldes e todos os que atentavam gravemente contra si e contra a ordem pública. O peso do corpo da vítima, quando suportado apenas pelos pulsos, levava à sua lenta sufocação, sobrevivendo a morte em cerca de seis horas. Para minimizar o sofrimento dos condenados, por vezes, partiam-se-lhes as pernas, o que tornava a asfixia mais rápida. Tal procedimento, terá ocorrido no tocante aos dois homens que foram crucificados com Jesus, já após este ter rendido o espírito, de forma a que os corpos não ficassem na cruz, pois estava-se no dia da Preparação – *dia que antecedia o sábado, que excluía qualquer tipo de execução e começava com o pôr-do-sol de sexta-feira, correspondendo neste particular ao início das festas pascais judaicas* – (Jo 19,31-33). Jesus nessa altura, já havia sido considerado morto, tendo-se limitado um soldado a perfurar-lhe o lado com uma lança (Jo 19,34).

Terá sido pregado na cruz na hora sexta ou meio-dia, e considerado morto na nona hora ou três da tarde. Ao anoitecer – *talvez pelas seis horas da tarde* – o corpo foi retirado da cruz – *iniciava-se o sábado e tudo leva a crer que a crucificação de Jesus e dos dois malfetores foi feita à pressa (Mt 26,5).*

Ora, os Evangelhos sinópticos referem que Jesus antes de entregar o espírito ao Pai, terá dado um grande grito, o que teoricamente é de todo impossível para quem está a falecer por asfixia. A ausência ou insuficiência de oxigénio ocasiona uma debilidade que torna impossível qualquer brado ou manifestação vocal vigorosa. “Desde a hora sexta, até à hora nona, as trevas envolveram toda a terra. E, cerca da hora nona, Jesus clamou em alta voz: «Elli, Elli, lema sabacthani?» isto é: «Meu Deus, Meu Deus, porque me abandonaste?». Alguns dos que ali se encontravam, disseram ao ouvi-Lo: «Está a chamar por Elias». Um deles correu imediatamente, tomou uma esponja, embebeu-a em vinagre e, fixando-a numa cana, dava-lhe de beber. Mas os outros disseram: «Deixa, vejamos se Elias vem salvá-Lo!». E, clamando outra vez em alta voz, expirou.” (Mt 27,45-50) – *veja-se também, Mc 15,37, que refere um grande brado e Lc 23,46, onde se diz que Jesus exclamou, dando um grande grito: «Pai, nas Tuas mãos entrego o Meu espírito», expirando de seguida.*

Não vamos tão longe como Nicolai Notovitch, que publicou em 1887 “A desconhecida vida de Jesus” ou mais recentemente – *mas na esteira daquele* – o teólogo Holger Kersten, que afirma ter Jesus, após a “ressurreição” vivido e sido sepultado na Índia. Este último aventa a hipótese de ter sido dado a Cristo, não vinagre, mas uma substância extraída de uma planta, como a Ervandorinha, que provoca em doses ponderais mas não letais, um estado cataléptico semelhante ao da morte, em que todos os sinais vitais, como a respiração e a pulsação, se tornam imperceptíveis. Isto explicaria a rendição do espírito, logo após a administração da “substância”, identificada como vinagre – *o vinagre tem um efeito estimulante, que facilitava a agonia dos condenados, mas que não acelerava o processo executório.* Os factos conducentes a tais conclusões são no nosso entender falíveis, tal como falível é toda a tentativa de definir com rigor o Jesus histórico. No entanto, tudo aponta para que tenha sobrevivido à crucificação. A morte aparente ou estado cataléptico era um fenómeno bastante usual na antiguidade e até há bem pouco tempo – *quem é que não recorda episódios de pessoas que foram sepultadas vivas?!.*

É essa a nossa intuição. Jesus sobreviveu à crucificação.

Em Marcos, Maria de Magdala, Maria, mãe de Tiago, e Salomé, quando se preparavam para o embalsamar, constataram que já não estava no sepulcro talhado na rocha, cedido por José de Arimateia, tendo um anjo anunciado a sua ressurreição e a sua vontade de encontrar os discípulos na

Galileia (Mc 16,1-8). Terá aparecido primeiramente a Maria de Magdala, depois a dois dos discípulos, para aparecer finalmente aos onze, quando estavam à mesa, censurando-lhes a incredulidade (Mc 16,9-14). Segundo Mateus, aparece a Maria, mãe de Tiago, o Menor, e de José, e Salomé, e a Maria de Magdala, no primeiro dia da semana, após estas terem verificado que o túmulo se encontrava vazio, ordenando-lhes que dissessem aos seus discípulos que partissem para a Galileia onde pretendia encontrar-se com eles (Mt 28,1-10). Lucas refere que as mulheres encontraram a pedra do túmulo removida e entrando não encontraram o corpo de Jesus. Estando perplexas com a ocorrência, apareceram-lhe dois homens em trajes resplandecentes, que lhes deram conta da ressurreição. O próprio Pedro, por elas informado, deslocou-se ao sepulcro, onde apenas viu as ligaduras e o sudário (Lc 24,1-12). No caminho de Emaús, apareceu a dois discípulos, que inicialmente o não reconheceram (Lc 24,13-16) e posteriormente aos onze (Lc 24,36). Encontramos idêntica narração no Evangelho de João.

As aparições de Jesus, considerado morto, devem ter fortalecido a fé dos discípulos, homens simples e crentes num novo Deus, misericordioso e compassivo (Act 2,1-13), levando-os à evangelização, não obstante a feroz oposição judaica. A Nova Aliança – *toda a Bíblia é a história de alianças estabelecidas entre Deus e os homens* –, teve como arrebatado opositor, Saulo ou Paulo, que para além de aprovar a morte do primeiro mártir, Estevão (Act 7,54-60), devastava a Igreja nascente, indo de casa em casa, arrastando homens e mulheres, entregando-os à prisão (Act 8,1-3).

Foi este Saulo, que quando se dirigia para Damasco, perseguindo homens e mulheres desta “Via”, encontrou Jesus, que lhe terá perguntado: «Saulo, Saulo, porque me persegues?» (Act 9,1-5). Convertido, começou imediatamente a proclamar que Jesus era o Filho de Deus (Act 9,20) – veja-se ainda Act 22,5-16 e 26,10-18 –, considerando-se Apóstolo por vocação, escolhido para anunciar o Evangelho (Rom 1,1).

É indubitável que os mais antigos documentos conhecidos do cristianismo foram escritos por Paulo – *as cartas* –, homem psicologicamente complexo e possuidor de vasta cultura, ao contrário dos discípulos, simples e iletrados (Act 4,13). Provavelmente, na sua ambição de liderar uma religião nascente, que não privilegiava judeus, estendendo-se aos gentios, a todos os homens e mulheres de boa vontade, e que não obstante o fraco nível dos seus pregadores crescia com uma celeridade inesperada, previu a sua projecção no futuro e a possibilidade de atingir a celebridade. A este facto, poderá acrescer um sentimento de culpa pelas perseguições realizadas. Se bem atentarmos, nas Cartas, Paulo não refere a doutrina real de Jesus, as suas parábolas, mas privilegia a sua própria doutrina. Foi quer queiramos quer não, o organizador do cristianismo, que assim, antes, havia de se denominar paulinismo, por expressar a sua filosofia e teologia – *entre outros, associou a morte de Jesus, Filho de*

Deus à redenção dos nossos pecados, deu corpo aos dogmas da trindade e do pecado original.

Cada um de nós pensa em deus, segundo o seu grau de “maturidade espiritual”.

É sinónimo de princípio único: da existência, da causalidade e de qualquer finalidade.

O pensamento criou as religiões, as práticas religiosas, os livros sagrados e deus. Aquelas não são caminhos para este. São muros que têm de ser derrubados até que não fique pedra sobre pedra, nenhum resquício de construção mental, e a planície surja num amplo espaço de liberdade sem reservas, erigida em amor universal.

Deus é o desconhecido e o incognoscível.

Tudo o que se diga para além disto, não passará de fantasia, de distorção da realidade.

No entanto, continuamos sempre a falar dele porque é inevitável que o façamos.

E se o identificamos em todas as coisas que estão nele, mesmo assim não o revelamos, mas as coisas para além das quais se encontra.

A Verdade é inexprimível. Quem a encontra não a consegue descrever.

Aquele que é, percebe-se como tal. Isso é existência pura.

O “ser” e o “não ser” – *o nada* –, aproximam-se. Quando o pensamento silencia, os extremos tocam-se.

Para atingir o desconhecido não podemos partir do conhecido. Temos de esvaziar a mente do seu conteúdo histórico.

A eternidade concretiza-se no silêncio que não é procurado.

Se o buscares não o encontrarás, se implorares não o acharás. Ele é liberdade absoluta que se manifesta no não condicionamento, na ampla abertura de espírito daquele que apenas é e nada procura ou quer vir a ser. Jorra gratuita, espontânea e esporadicamente nos pobres em espírito e não nas mentes torturadas dos filósofos, dos intelectuais e dos que por métodos mais ou menos expeditos se esforçam por o encontrar.

Não está em particular na igreja, na montanha, nos livros sagrados. Está onde nós não estamos, existe quando não existimos, não tem continuidade, não pertence ao espaço ou ao tempo, é existência pura, incomensurável e intemporal.

Absoluto é o que está para além de todos os limites. O Absoluto prescinde do limitado e só o atingiremos quando nos libertarmos das teias do espaço-tempo, o que apenas se torna possível com a cessação do pensamento e consequente aniquilação do “eu”.

“Se eu morrer muito novo, oiçam isto:
Nunca fui senão uma criança que brincava.
Fui gentio como o sol e a água,
De uma religião universal que só os homens não têm.
Fui feliz porque não pedi coisa nenhuma,
Nem procurei achar nada,
Nem achei que houvesse mais explicação
Que a palavra explicação não ter sentido nenhum.

Não desejei senão estar ao sol ou à chuva –
Ao sol quando havia sol
E à chuva quando estava chovendo
(E nunca a outra coisa),
Sentir calor e frio e vento,
E não ir mais longe.”

JOSÉ MARIA ALVES

<http://www.homeoesp.org/>

<http://www.josemariaalves.blogspot.pt/>